

SEMANÁRIO

# ECCLESIA

Nº 1504 | 26 de novembro de 2015



**Novo ciclo  
nos Açores**

#### 04 - Editorial:

João Aguiar Campos

#### 06 - Foto da semana

#### 07 - Citações

#### 08 - Nacional

#### 14 - Internacional

#### 20 - Opinião:

D. José Cordeiro

#### 24 - Opinião:

José Luis Gonçalves

#### 26 - Opinião:

LOC/MTC

#### 28 - Semana de..

Henrique Matos

#### 30 - Dossier

Novo Bispos para os Açores

#### 32 - Entrevista:

D. João Lavrador

#### 58- Estante

#### 60 - Multimédia

#### 62 - Concílio Vaticano II

#### 64- Agenda

#### 66 - Por estes dias

#### 68 - Programação Religiosa

#### 69- Minuto Positivo

#### 70 - Liturgia

#### 72 - Ano da Vida Consagrada

#### 76 - Fundação AIS

#### 78 - Lusofonias

Foto da capa: D. R.

Foto da contracapa: Agência ECCLESIA

#### AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo

Redação: Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lígia Silveira, Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Cónego João Aguiar Campos

Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.

Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D

1885-076 MOSCAVIDE.

Tel.: 218855472; Fax: 218855473.

agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;



## Francisco visita África

[ver+]



## Alertas sobre o trabalho doméstico

[ver+]



## Diocese de Angra recebe Bispos

[ver+]

## Opinião

D. José Cordeiro | D. António Sousa Braga | João Aguiar Campos | Carmo Rodeia | LOC/MTC | José Luis Gonçalves | Henrique Matos | Manuel Barbosa | Paulo Aido | Tony Neves | Fernando Cassola Marques

## Os diminutivos



João Aguiar Campos  
Secretariado Nacional  
das Comunicações  
Sociais

Penso não ser sensação minha: vivemos num tempo espartilhado e fatiado. Ao longo do dia, sentimo-nos ensanduichados em horas e compromissos. Presentes num lugar, incomodamo-nos estarmos atrasados em relação ao sítio onde já devíamos ter chegado; ou pressiona-nos que nos avisem que lá devemos estar “daqui a pouco”.

É neste contexto que menciono alguns dos diminutivos que hoje me apoquentam. Expressam a medida mínima de disponibilidade; consentem-me somente uma capacidade espremida de atenção....

A quem reclama a urgência de uma conversa, muitos de nós explicamos que, depois de compactada a agenda, talvez se lhe ofereça um “tempinho”, traduzido num minuto – que depressa passa a “minutinho”.

Claro que sabemos quantos segundos tem um minuto; mas chamar-lhe “minutinho” ajuda a fazer senti-lo como uma enorme generosidade, mesmo que seja incalculável quanto está acima do nada. Sim; como se de um bolo se tratasse, fatiamos e fatiamo-nos em sms e twitts que nem as palavras escrevem até ao fim. E por aí andamos, com a cabeça cheia de mini recados, qual porta de frigorífico cravejada de ímanes e postites. Dos diminutivos do tempo, passamos para os da relação com os demais, a começar por casa. Nesta, não raro a ternura dita com muitos “inhos” é a forma mais elegante de nos dispensarmos de compromissos normais e/ou, a fortiori, maiores. Sim, que o amor é exigente; mas o “amorzinho”

tem a obrigação de compreender que o inadiável pode ser adiado, ou que até nos deve substituir na advertência pedagógica, há dias decidida e ainda sem vez.

“Cansadinhos” e “arrasadinhos”, só nos apetece que todos estejam “caladinhos”...

Convenhamos que nem Deus escapa aos nossos diminutivos. E também aqui não haveria nada de mal se neles se incluísse a dose máxima de ternura... O problema é que, não raro, integram a dose mínima de entrega – como se estivéssemos a falar de um “tem que ser”.

Assim – e dou apenas este exemplo - não dispensar a “missinha” não pode

implicar a escolha criteriosa da mais breve das celebrações, de acordo com os seguintes critérios: pouca música, padre desembaraçado que não se ponha “para ali com coisinhas” ou silêncios incomodativos; e, já agora, sem longas filas na comunhão...

Ironia minha, neste olhar?.. É uma interpretação. Mas eu gostaria mais que estes parágrafos pudessem colocar-nos a pensar na desvalorização dos nossos encontros; e, a partir daí, fôssemos capazes de estar menos epidérmicos e mais comprometidos. Se quiserem: com a alegria esperar; com a alegria de estar!..





## foto da semana

## citações



Primeiro-ministro e ministros do XXI Governo Constitucional (Lusa)

"O presidente da República decidiu, ouvidos os partidos políticos com representação parlamentar, indicar o Dr. António Costa para Primeiro-Ministro".  
*Nota da Presidência da República, Lisboa, 24.11.2015*

"Pelo que diz respeito ao primeiro-ministro indigitado, António Costa está em condições de apresentar ao senhor Presidente da República o elenco governativo".  
*Carlos César, presidente do PS, Lisboa, 24.11.2015*

"Esta nova solução de Governo não conta com o nosso apoio político, apenas responsabilizando o PS e os partidos da esquerda radical".  
*Marco António Costa, porta-voz do PSD, Lisboa, 24.11.2015*

"Pela parte do BE seremos a garantia e o compromisso pelos salários e pensões, segurança social, saúde e educação. Haveremos de ter um país um pouco mais justo".  
*Catarina Martins, porta-voz do Bloco de Esquerda, Lisboa, 24.11.2015*

"Estou preocupado com as consequências do ponto de vista económico que tem esta viragem muito à esquerda e este tipo de acordos que o PS faz com forças radicais".  
*Paulo Portas, líder do CDS-PP, Amadora, 25.11.2015*



## Religiosas denunciam precariedade que aflige empregadas domésticas



Um estudo encomendado pela congregação das Religiosas de Maria Imaculada, empenhadas na educação e valorização profissional de jovens mulheres, denuncia a precariedade que aflige quem trabalha no setor doméstico. Intitulado 'Trabalho

doméstico em Portugal', o projeto foi feito em parceria com Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa e permitiu constatar que esta ocupação profissional "continua a ser uma realidade precária e pouco protegida".

Um inquérito feito pelo Centro de Estudos a 300 pessoas empregadoras mostrou que mais de metade dos trabalhadores envolvidos presta serviços "sem qualquer tipo de contrato" ou apenas com "um contrato verbal". "São principalmente mulheres, portuguesas, com mais de 45 anos", pagas "em dinheiro, diária ou semanalmente", sendo que "o valor" do seu ordenado é calculado "em função da hora de trabalho".

"Tudo isto reforça a informalidade e precariedade do laço", refere o estudo enviado à Agência ECCLESIA e apresentado esta quinta-feira em Lisboa, durante um colóquio, na Sala das Exposições da Universidade Católica Portuguesa, no Campus Palma de Cima. O estudo CESOP mostra que, para 80% da amostra inquirida, os pagamentos são feitos em dinheiro, sendo que metade da amostra faz pagamentos mensais, mas 22% fazem-nos diariamente. contra 38% que tendem a concordar. O tema da casa, da privacidade do espaço, das relações de

confiança entre a família residente e "o Outro" que o vem "invadir", mesmo que de forma consentida e negociada, é outro dos temas nucleares abordados nesta investigação do CESOP. Registem-se os 64% de entrevistadas que afirmam "a pessoa que trabalha em sua casa é como se fosse da família". Uma afirmação categórica que corresponde ao facto de 34% das empregadas domésticas trabalhar há mais de 10 anos na mesma casa e 40% trabalhar para a mesma família há mais de 3 anos e menos de 10. Um bom teste à confiança exprime-se nos 64% de inquiridos que discordam expressivamente da afirmação: "sou eu que arrumo a roupa, porque não quero que a pessoa que trabalha lá em casa mexa nas minhas gavetas"

... Num quadro em que de forma esmagadora se regista uma prestação feminina do trabalho doméstico, não deixa de ser interessante ver que 35% das inquiridas no estudo CESOP dizem que lhes seria "indiferente se a pessoa que trabalha lá em casa é homem ou mulher".

## Mais atenção às pessoas com deficiência

A diocese de Bragança-Miranda considera essencial que as comunidades se empenhem mais na integração social e eclesial das pessoas com deficiência. Numa nota pastoral divulgada no âmbito do Dia Nacional da Língua Gestual Portuguesa, enviada hoje para a Agência Ecclesia, D. José Cordeiro sublinha que “as pessoas com deficiência continuam a fazer parte dos muitos excluídos da sociedade e de muitos lugares eclesiais”. Apesar de já se encontrarem “sinais positivos” de mudança, por exemplo quanto ao cuidado com a “acessibilidade” das pessoas com deficiência aos edifícios, monumentos, escolas, transportes públicos ou ao traçado da via pública, o prelado frisa que “ainda há muito a fazer”. Sobretudo no cuidado com as pessoas que “vivem na família e nas aldeias, vilas e cidades do Nordeste Transmontano”, refere. D. José Cordeiro exorta as comunidades católicas da região, nas paróquias, unidades pastorais, movimentos e todas as famílias, a cuidarem “destes irmãos com ternura e inteligência pastoral, nos gestos e nas novas linguagens, na catequese, na liturgia e na caridade”.



“Não basta só uma atitude assistencial, é necessário que se escute, na primeira pessoa, o testemunho de quem, vivendo com uma deficiência, possa experimentar na sua vida concreta, a par dos sofrimentos, a alegria que nasce da misericórdia de Deus”, sustenta o bispo. O responsável católico lembra que todas as pessoas, “por diferentes razões e em qualquer momento da vida”, podem ficar portadoras de uma deficiência. “Essas limitações nem sempre podem ser ultrapassadas” mas “a vida é o precioso dom da Graça de Deus, por isso, cada pessoa é chamada a vivê-la como uma bênção e nunca como um castigo ou desgraça”, aponta o prelado, recordando o apoio que é preciso dar também a quem cuida dos mais frágeis ou carenciados da sociedade.

## Um Natal pela dignidade humana

O bispo de Vila Real deseja que o tempo de preparação para o Natal “ajude a viver e apreciar” a festa do nascimento de Jesus, que foi “desfigurado pelo paganismo”, e se promova o respeito pela dignidade humana. “A Europa e o Mundo, sob a capa do bem-estar e prazer desenfreado, vivem uma crise de valores, a gerar ódio, guerra, terrorismo, hipocrisia e a suspeita e preconceito, contra tudo e contra todos, impedindo a terapia da paz, da alegria e da esperança e a fé num futuro digno da pessoa humana”, escreve D. Amândio Tomás.

Na mensagem de Natal, o bispo de Vila Real explica que o Reino de Jesus é diferente dos que a “cobiça do poder constrói”. “Nada tem a ver com ódio, violência e hipocrisia de quem apetece grandeza e utiliza meios injustos e atropelos, para a obter, com a tirania sobre os outros e práticas injustas, abomináveis e incompatíveis”, desenvolve o prelado, no sítio online da diocese. D. Amândio Tomás considera que o mundo atual está na “encruzilhada” de fazer ou não a opção pelos valores da dignidade da pessoa humana, por isso, o convite é a optar “pelo bem,



pela verdade, pela justiça, pela solidariedade, pela liberdade, pela paz” e pela inauguração e aumento do Reino de Deus. O prelado recorda a afluência de refugiados que procuram refugio na Europa e pede que se evitem preconceitos, crispações políticas e ideológicas, “exclusões gratuitas e guerras baseadas na ignorância, na irresponsabilidade”. “Deve-nos fazer refletir e levar a abrir o coração, a cultivar a misericórdia, o acolhimento e a compaixão e a ter atitudes de respeito”, acrescenta, incentivando à “compaixão e compreensão”. D. Amândio Tomás conclui reafirmando votos que o Deus Menino “ensine, proteja e ajude” os diocesanos a “colocar a vida ao serviço”, sem fazerem aceções de pessoas e sem constrangimentos para fazerem “deste mundo a comunhão dos homens”.

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial portuguesa nos últimos dias, sempre atualizados em [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)



[Cáritas e Universidade Católica assinam protocolo de cooperação](#)

«10 milhões de Estrelas» 2015



### De África para o mundo, Francisco em defesa da paz e do ambiente



O Papa começou esta quarta-feira em Nairobi a primeira viagem da sua vida a África com mensagens contra o terrorismo e em defesa do ambiente, apelando à tolerância e o respeito pelos outros. “Na obra de construção duma ordem democrática são, fortalecendo a coesão e a integração, a tolerância e o respeito pelos outros,

a busca do bem comum deve ser um objetivo primário. A experiência demonstra que a violência, os conflitos e o terrorismo se alimentam com o medo, a desconfiança e o desespero que nascem da pobreza e da frustração”, referiu, no palácio presidencial da capital queniana.



A intervenção partiu depois para as questões ecológicas, num país marcado por uma beleza imensa e abundância de recursos naturais. “A grave crise do meio ambiente, que o mundo enfrenta, exige uma sensibilidade ainda maior pela relação entre os seres humanos e a natureza”.

“Num mundo que continua mais a explorar do que proteger a nossa casa comum, os valores devem inspirar os esforços dos governantes para promover modelos responsáveis de desenvolvimento económico”, acrescentou.

O governo queniano decretou para esta quinta-feira um feriado nacional de “oração e reflexão”, que o Papa começou num encontro privado com líderes de várias comunidades cristãs e outras religiões. Francisco denunciou em Nairobi os que usam o nome de Deus como justificação para o ódio ou atos de violência. “Nós procuramos servir um Deus de paz: o seu santo nome nunca

deve ser usado para justificar o ódio e a violência”, disse.

Mais tarde, dezenas de milhares de pessoas participaram na Missa que decorreu no recinto da Universidade de Nairobi, num clima de festa, apesar da chuva que se fez sentir. “Em obediência à Palavra de Deus, somos chamados a resistir às práticas que favorecem a arrogância nos homens, que ferem ou desprezam as mulheres, não tomam conta dos idosos e as ameaçam a vida dos inocentes que ainda não nasceram. Somos chamados a respeitar-nos e a encorajar-nos mutuamente, para chegar a todos os que se encontram em situação de necessidade”.

O Quênia, com 32% de católicos numa população de cerca de 43 milhões de pessoas, recebe um Papa pela primeira vez em 20 anos, depois da viagem de João Paulo II a África em 1995.

A visita de Francisco a África prolonga-se até segunda-feira, com passagens pelo Uganda e República Centro-Africana.



### Festa africana para o Papa

O Papa Francisco presidiu esta manhã à Missa em solo africano, uma celebração que levou dezenas de milhares de pessoas às ruas de Nairobi. O missionário português Filipe Resende, dos Combonianos, relatou à Agência ECCLESIA que “milhares e milhares de pessoas” começaram a concentrar-se no local da celebração desde o fim da madrugada, apesar do dia “cinzento e de chuva”.

Mais de 200 mil pessoas acompanharam o Papa e o missionário português, há vários anos no Quênia, elogiou a “a alegria, a paciência e a determinação”, desta população, que enfrentou ainda alguns problemas com a organização da equipa de segurança.

“Ainda assim, o sorriso está estampado na face das pessoas que, aliás, consideram chuva um sinal de bênção”, acrescentava o padre Filipe Resende.

O religioso trabalha numa das paróquias de periferia de Nairobi, Kariobangi, onde se situa também um dos vários bairros de lata de Korogocho, ladeada pela maior lixeira da África oriental, o ‘dumping site’



de Dandorra. “Na paróquia habitam cerca de 300 mil habitantes e é um mundo à parte neste país de contrastes”, confessa.

Os Missionários Combonianos promovem projetos de cariz social que incluem a reabilitação de crianças de rua, ajuda a doentes de HIV/SIDA, escolas informais para órfãos e crianças pobres ou dispensários.

Na sexta-feira, Francisco começa por visitar o bairro pobre de Kangemi, junto da comunidade jesuíta da Paróquia de São José operário. O padre Filipe Resende e um grupo de 50 benfeitores vão acompanhar este encontro do Papa com habitantes dos bairros de lata da capital queniana.

### Papa diz que fracasso na Cimeira de Paris seria «catastrófico»

O Papa afirmou hoje em Nairobi que um eventual fracasso na próxima Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas seria “catastrófico” para a humanidade. “Seria triste e – atrevo-me a dizer – até catastrófico se os interesses particulares prevalessem sobre o bem comum e chegassem a manipular as informações para proteger os seus projetos”, advertiu, no escritório da ONU na capital do Quênia (UNON), perante Achim Steiner, diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, e centenas de outros convidados.

A 21.ª Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas (COP 21) vai

decorrer entre dia 30 de novembro e 11 de dezembro em Paris. “Espero que a COP21 leve à conclusão dum acordo global e «transformador», baseado nos princípios de solidariedade, justiça, equidade e participação”, pediu Francisco, para quem este grande encontro deve “promover a redução do impacto das alterações climáticas, a luta contra a pobreza e o respeito pela dignidade humana”.

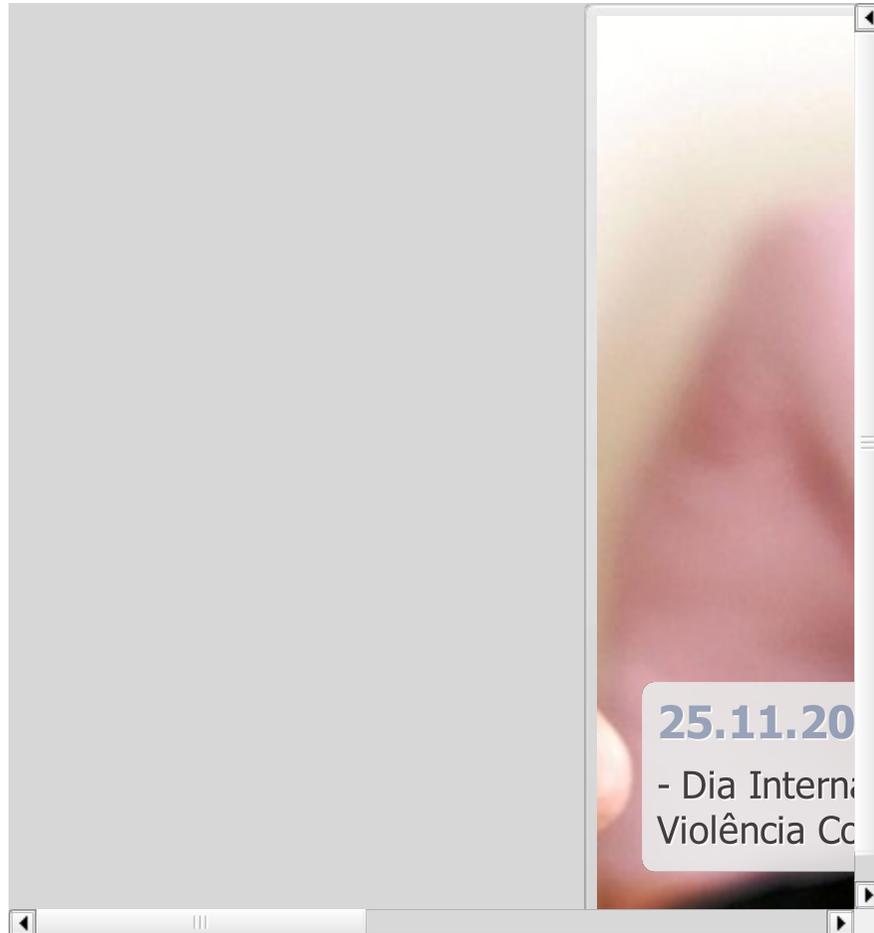
O Papa sustentou que a COP21 “é um passo importante no processo de desenvolvimento dum novo sistema energético” que dependa o “mínimo possível” dos combustíveis fósseis, e se estruture sobre o uso de energia com baixo conteúdo de carbono.





## internacional

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial internacional nos últimos dias, sempre atualizados em [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)



[1000 dias com o Papa Francisco](#)

Mensageiro de Paz para a África



### O Abade de Baçal



D. José Cordeiro  
Bispo de Bragança -  
Miranda

A propósito do congresso sobre a vida, a obra e o pensamento do Abade de Baçal realizado em Bragança, nos dias 13 e 14 de novembro de 2015, para comemorar os 150 anos do seu nascimento, escrevo estas notas de reconhecimento e de gratidão.

O Padre Francisco Alves (09.04.1865 - 13.11.1947), natural de Baçal é, com efeito, o famoso Abade de Baçal. A sua obra impõe-se e o seu nome ecoa em variados lugares, escolas, monumentos, ruas e em muitas memórias. Especialmente, o Museu do Abade de Baçal, na cidade de Bragança, que passou a tê-lo como patrono por ocasião da sua jubilação em 1935. Neste mesmo ano do seu 70º aniversário natalício foi-lhe conferido o título de Abade pelo 39º Bispo de Bragança-Miranda, D. Luís António de Almeida.

Gostaria de destacar três grandezas da sua multifacetada vida: a fé de robustez granítica, o peregrino e o homem do culto e da cultura.

#### 1. A fé de robustez granítica

Acreditar não significa só saber e proclamar que Deus existe: significa aceitar ser postos em questão por tal verdade, antes de mais pela escuta da Palavra, de um Deus que fala. É o encontro com Cristo que faz o cristão. S. Pedro diz que o cristão é «aquele que ama o Senhor Jesus sem o ter visto e sem o ver acredita nele» (1Pd 1,8).

O P. Firmino Martins escreveu no Mensageiro de

Bragança, aquando do falecimento do P. Francisco Alves “ai cair da folha”, como o Abade repetia e profetizava sobre si mesmo: «*Como verdadeiro, sábio e sacerdote católico, era humilde o Abade de Baçal. Amava a verdade. Poucos dias antes da sua morte nos declarou formalmente que sujeitava as suas obras ao juízo da Santa Igreja e desejava conformar-se inteiramente com ele.*».

#### 2. O peregrino

O Abade andava sempre a pé e quase sempre na companhia do seu cão, 'lafrau': «*ando sempre a pé, tanto para o serviço da freguesia, como para as funções eclesíásticas, embora distantes – uma e duas léguas –, e para o Museu Regional de Bragança, onde vou todas as semanas desde 1925, em que fui nomeado director,*».





até 9.4.1935, em que deixei o cargo por ter atingido o limite de idade – setenta anos».

A dinâmica do caminho ou da peregrinação é a metáfora da nossa vida, ainda que digamos como um poeta medieval: «*eu vou, não sei para onde, eu venho, não sei de onde, eu sou, não sei o quê, admira-me que mesmo assim eu ainda seja alegre*». De Baçal a Mairós, de Baçal a todo o Distrito/Diocese e ao País, este abade foi um autêntico peregrino da cultura e da fé.

Ao P. Francisco Alves pode aplicar-se o pensamento de Agostinho da Silva: «O que interessa na vida não é prever os perigos das viagens: é tê-las feito».

### **3. O homem do culto e da cultura**

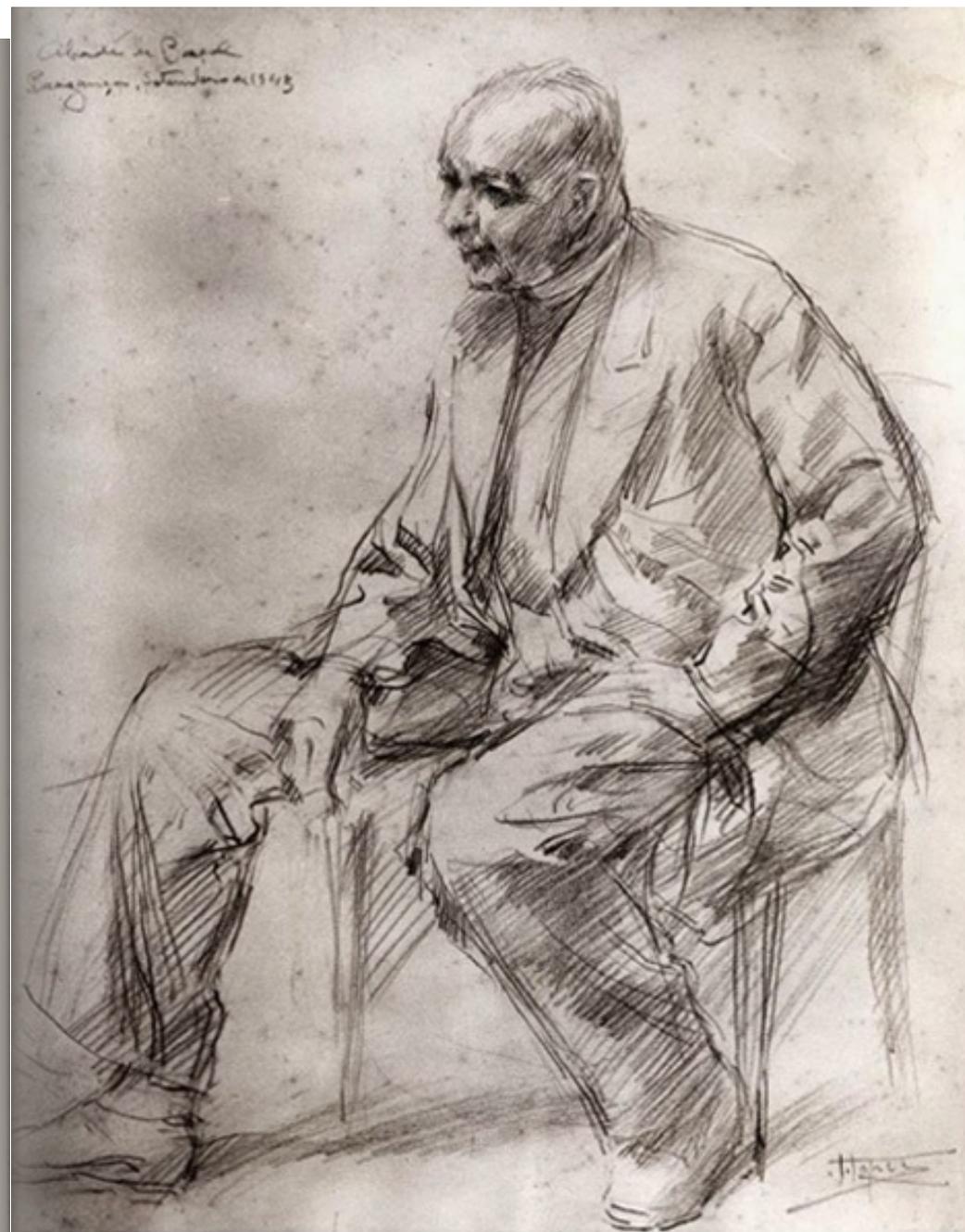
Platão dizia que «*uma vida sem procura não merece ser vivida*». Um dos traços mais relevantes do Abade de Baçal é a sua procura, isto é, o ser buscador da fé e da cultura do povo nordestino, como o próprio escreveu: «*a bem da Religião*».

D. Manuel de Jesus Pereira escreveu em 19 de Junho de 1978: «o arquivo

das Paróquias existente na Câmara Eclesiástica de Bragança, organizado em grande parte pelo Abade de Baçal, deve ser dos mais notáveis do País».

Numa carta ao Abade José Tavares, em 14.10.1930, a propósito do “Museu Tavares” instalado no Seminário de S. José, escreveu: «*um museu não é um armazém de antiguidades, é uma escola*». Sem dúvida, a sua obra-prima é constituída pelos 11 volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. A memória constrói-se ao longo do caminho da vida, como afirmou Goethe: «*Podes construir qualquer coisa de bela também com as pedras que encontras no teu caminho*».

Para conhecer o homem verdadeiro e integral é preciso conhecer Deus e para conhecer a Deus é necessário também conhecer o homem. Santa Catarina de Sena sublinhou com clareza: «*na tua natureza, ó Deus eterno, conhecerei a minha natureza*». E o Concílio Vaticano II afirmou: «*na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente*» (GS 22).





## Viver com estranhos na cidade



José Luís Gonçalves  
Escola Superior  
de Educação  
de Paula Frassinetti

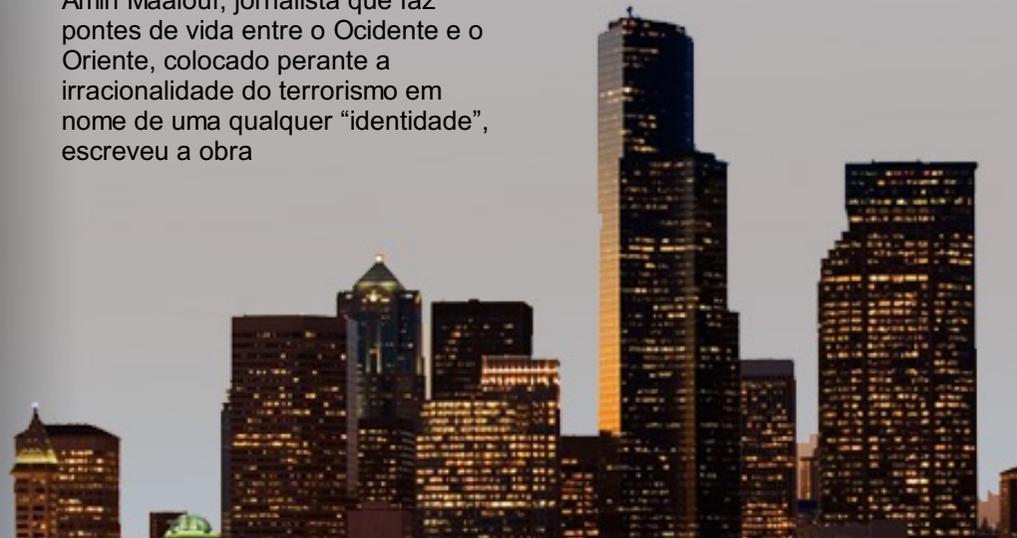
Historicamente, um dos principais motivos para a edificação das cidades residia na possibilidade de esta, protegida por muralhas, poder delimitar o “nós” do “eles”, a ordem da barbárie, o amigo do inimigo. A urbanização do mundo ocorrida nos últimos cem anos inverteu esta tendência milenar: para ela confluíram migrantes e desconhecidos e nas suas ruas deambulam “estranhos” que se misturam com os “amigos”. O mundo todo na sua diversidade está contido na cidade. O espaço público é erigido em símbolo da vida urbana para o qual convergem agora também os desconhecidos e os anónimos. Estes desconhecidos representam, pela sua imprevisibilidade, a personificação do risco. O risco não existe sem temor e sem um certo sentimento de insegurança. O medo produz a desconfiança, e a desconfiança induz a adotar atitudes defensivas. O espaço público é, doravante, ambivalente: ora lugar do risco e sinónimo da vulnerabilidade da condição urbana, ora laboratório para aprender a viver com a diferença.

Como afirmava Z. Bauman, “viver na cidade significa viver em companhia, em companhia de estranhos” (*Confiança e Medo na Cidade*, 2005). A convivência na cidade exige que se organize as relações de proximidade-distância que se deseja cultivar, e a medida dessa distância é, antes de tudo, uma construção psicossocial e cultural (Cf. Edward T. Hall, *The Hidden Dimension*, 1966: distância íntima, distância pessoal, distância social, distância pública). A cidade presta-se a traçar certas fronteiras entre pessoas, situação que,

a ocorrer, ajuda a separar diferenças. Ou, será mais apropriado afirmar que é com o objetivo de legitimar fronteiras que se procuram as diferenças? A criação de áreas “seguras” no interior das cidades contemporâneas (*ghettos*, espaços interditos, condomínios fechados), erigindo muralhas físicas e simbólicas, decorre da obsessão por segurança traduzida na vontade, consciente ou inconscientemente, de ter por companhia apenas os “iguais”, os “idênticos”, a “mesmidade”, mantendo os “estranhos” à distância.

Amin Maalouf, jornalista que faz pontes de vida entre o Ocidente e o Oriente, colocado perante a irracionalidade do terrorismo em nome de uma qualquer “identidade”, escreveu a obra

intitulada *Identidades Assassinas* (1999). Explica o autor: “esta designação não me parece abusiva na medida em que a conceção que denuncio, aquela que reduz a identidade a uma única pertença, leva os homens a uma atitude parcial, sectária, intolerante, dominadora, por vezes suicida, e tantas vezes o transforma em assassinos ou partidários de assassinos. A sua visão do mundo é enviesada e distorcida.” Aprender a viver juntos na cidade, acolhendo e respeitando a diferença, constitui, porventura, o maior exercício de confiança na humanidade do Homem, no tempo presente.





## Um lápis para dois irmãos



LOC/MTC  
Movimento de  
trabalhadores Cristãos

Numa parceria com o KAB da Alemanha e a Ação Católica de Cabo Verde, a LOC/MTC- Movimento de Trabalhadores Cristãos, esteve em Cabo-Verde de 2 a 9 de Novembro.

Entre contactos com o governo na pessoa da Ministra das Comunidades, Dr<sup>a</sup> Fernanda Fernandes, e da Igreja Católica, na pessoa do Cardeal Arlindo Furtado e ainda contactos com professores e membros da Ação Católica local, fomos nos apercebendo que a grande aposta Cabo-Verdiana é a educação. A aposta na educação e formação superior é um desejo enraizado na população, mesmo que para o conseguir tenham que fazer grandes sacrifícios e até contrair dívidas bancárias.

A Ação Católica é reconhecida pelo que tem feito neste campo. Muitas pessoas em funções públicas e no seio da Igreja começaram a sua formação e cresceram no seio deste Movimento. Ainda hoje este movimento é pioneiro. Havendo já escola pública para todos, incentiva e apoia, por exemplo, o ensino de línguas: francês e Inglês às crianças dos primeiros anos de escolaridade, uma vez que na escola pública este ensino só começa no 8º ano.

Lá encontramos já, muitos jovens licenciados (como cá) sem emprego, mas, essa realidade não desmotiva o desejo de formação por parte dos outros jovens mais novos. Visitámos duas escolas e pudemos comprovar isso mesmo. Contactámos com professores e alunos que nos receberam e mostraram as escolas por dentro. Dá que pensar como é que se consegue ser educador

em condições tão pobres, miseráveis mesmo: Turmas de 40 alunos, cadeiras e mesas defeituosas, cozinha sem espaço e sem condições de higiene, comida servida nas salas de aula por não haver refeitório, falta de material escolar, ... mas alegria generalizada em todos: professores, alunos, cozinheiras.

Apesar disso, a grande aposta na educação.

Trouxemos, porque não nos deixou indiferentes, um testemunho dado em primeira mão de duas crianças irmãs, do ensino primário. Uma tinha escola de manhã outra de tarde. E só tinham um lápis. Então, ao cruzarem-se no caminho da escola, passavam uma à outra o único lápis que possuíam.

Antes de partirmos para Cabo-Verde ainda abordámos algumas empresas com quem nos relacionamos a fim de nos fornecerem algum material que pudessemos levar nas nossas malas de viagem: esferográficas, lápis, borrachas, ... Estes pedidos não se enquadravam nas suas políticas de marketing... foi a resposta que

tivemos, que não nos impediu de levar algumas centenas destes e de outros materiais que serão racionalmente distribuídos pelas crianças mais necessitadas.

Sendo já a terceira vez que a LOC se desloca a Cabo-Verde, concretamente à Ilha de Santiago, no âmbito desta parceria, pudemos testemunhar evolução nas energias renováveis e formação de técnicos para o efeito, na agricultura com a construção de barragens, nas escolas que visitámos com novos arranjos, construção de casas de banho e com algum material didático, muito bem aproveitado, ido da Alemanha e de Portugal,.

Os encontros que tivemos com vários grupos da Ação Católica de Ponta D'Água, zona de grande população, na periferia da cidade da Praia, e na zona de Picos, bem no interior da Ilha, também nos deram sinais de evolução deste Movimento, pois, sem descurar a sua dimensão espiritual e evangelizadora, se vai desenvolvendo e abrindo a novos desafios tendo sempre a construção do homem integral como referência.



## Ao sul...



Henrique Matos  
Agência ECCLESIA

Por estes dias o trabalho mergulhou-me nos séculos VI e VII da nossa era. Viajei para o sul do país e pude tocar culturas cuja dimensão desconhecia. Aconteceu, porque recentemente as Academias Pontifícias do Vaticano distinguiram com um prêmio o Campo Arqueológico de Mértola (CAM).

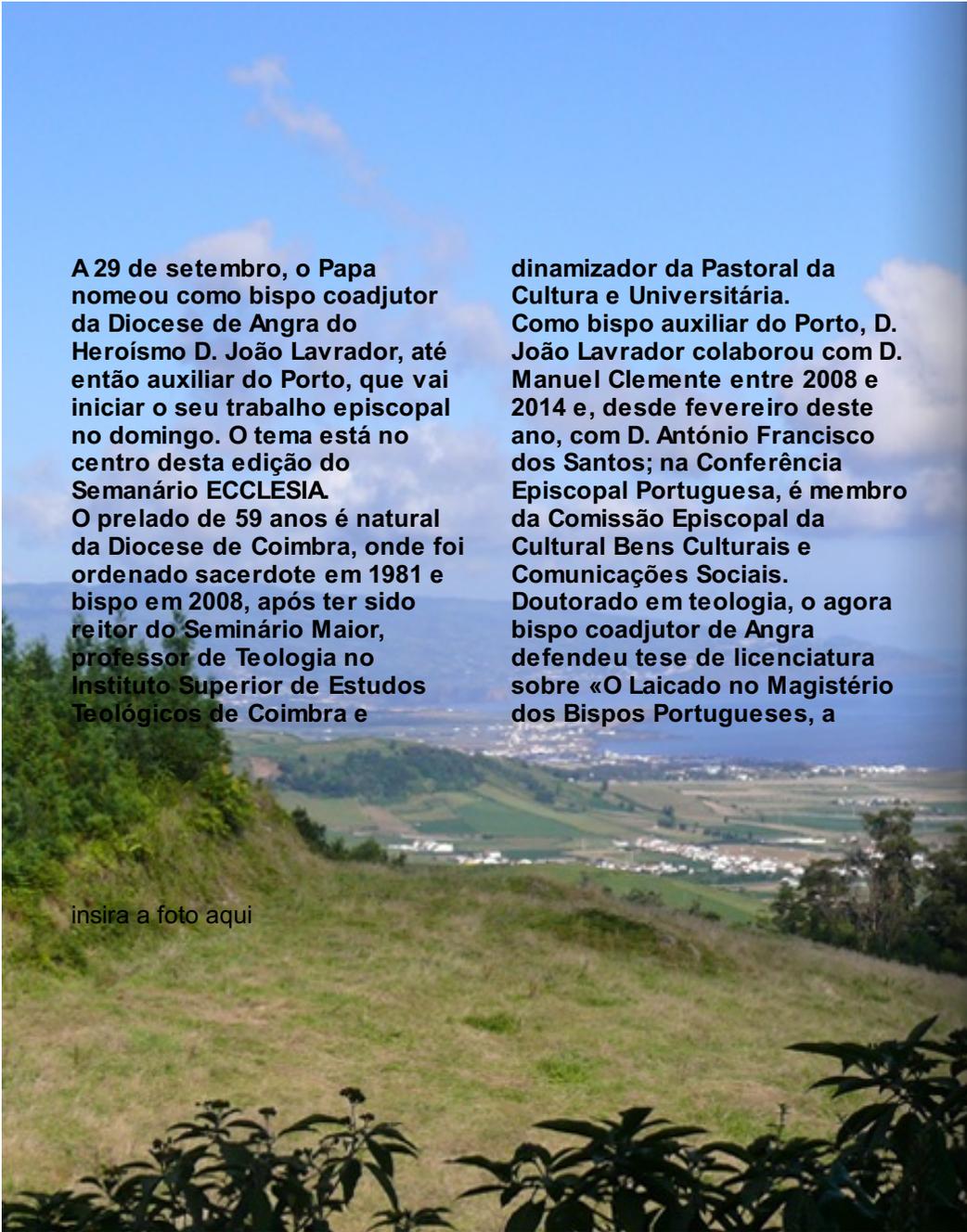
A Comissão de Arqueologia Sacra, está por este ano a sublinhar os primeiros anos do cristianismo, e a sua atenção centrou-se em Portugal, em Mértola. É por ali que há 40 anos, Cláudio Torres mete as mãos na terra em busca da verdade que não encontra nos livros. Este arqueólogo não esconde a surpresa. Em vez de conquistas e massacres, descobriu uma enorme comunidade cristã, onde todos apontavam a predominância islâmica.

Do subsolo de Mértola saíram basílicas, batistérios e placas tumulares timbradas com toda a simbólica cristã dos primeiros tempos. O achado já motivou a vinda de muitos estudantes e investigadores, tem sido uma revelação que obriga a repensar a história já escrita. Também não faltam árabes e são vastos os seus vestígios cerâmicos e arquitetónicos, o que faltam são as evidências dessa lei da espada que povoa o imaginário romântico das nossas origens. O CAM é uma porta no tempo que nos permite entender a multiculturalidade de um passado onde os interesses comerciais eram mais fortes que os fundamentalismos ideológicos, uma época onde o diferente não era forçosamente um inimigo mas

até, talvez, um parceiro. Cláudio Torres não se cansa de dizer que esta é a mentalidade do mediterrâneo. Esse grande mar das culturas e dos povos, desaguava em Mértola onde chegava rio acima. Desde a antiguidade que as embarcações sobem o Guadiana num fluxo comercial onde não faltavam as ideias, novas formas de pensamento e entendimentos de Deus.

Por estes dias, em que a Europa mergulhada no medo, se arma e assume o combate, vale a pena olhar o passado e perceber que as diferenças não têm de dividir. Se as ameaças devem ser combatidas com firmeza, também se deve promover o encontro de culturas que outrora se experimentou no Guadiana a 70 quilómetros do mar.



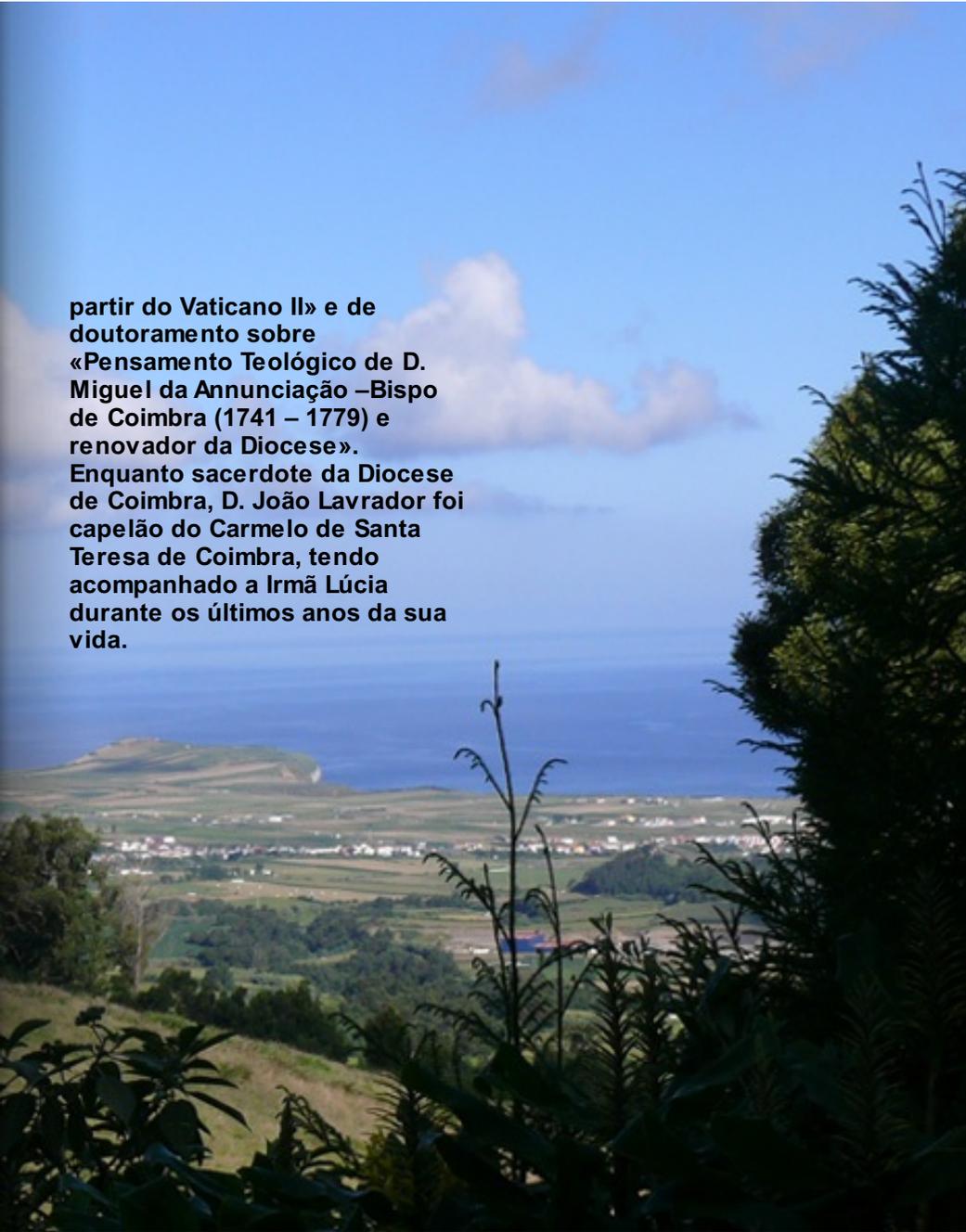


A 29 de setembro, o Papa nomeou como bispo coadjutor da Diocese de Angra do Heroísmo D. João Lavrador, até então auxiliar do Porto, que vai iniciar o seu trabalho episcopal no domingo. O tema está no centro desta edição do **Semanário ECCLESIA**.

O prelado de 59 anos é natural da Diocese de Coimbra, onde foi ordenado sacerdote em 1981 e bispo em 2008, após ter sido reitor do Seminário Maior, professor de Teologia no Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra e

dinamizador da Pastoral da Cultura e Universitária. Como bispo auxiliar do Porto, D. João Lavrador colaborou com D. Manuel Clemente entre 2008 e 2014 e, desde fevereiro deste ano, com D. António Francisco dos Santos; na Conferência Episcopal Portuguesa, é membro da Comissão Episcopal da Cultural Bens Culturais e Comunicações Sociais. Doutorada em teologia, o agora bispo coadjutor de Angra defendeu tese de licenciatura sobre «O Laicado no Magistério dos Bispos Portugueses, a

insira a foto aqui



partir do Vaticano II» e de doutoramento sobre «Pensamento Teológico de D. Miguel da Annuniação – Bispo de Coimbra (1741 – 1779) e renovador da Diocese». Enquanto sacerdote da Diocese de Coimbra, D. João Lavrador foi capelão do Carmelo de Santa Teresa de Coimbra, tendo acompanhado a Irmã Lúcia durante os últimos anos da sua vida.



## Ilhas são uma diocese de “pleno direito e com a mesma dignidade na Igreja em Portugal”

*D. João é o 39º bispo da Diocese de Angra e reclama a relevância para a Igreja no arquipélago. Natural da Diocese de Coimbra, chega aos Açores como um “pobre Lavrador” que quer “conhecer longamente”, “ser açoriano com os açorianos”, “gerar comunhão”, “convocar para a participação”, “valorizar a capacidades de cada um”, “a caminhar todos no mesmo sentido”.*

*Entrevista por Carmo Rodeia (sítio Igreja Açores) e Paulo Rocha (Agência Ecclesia)*

*Entrevista na íntegra em [www.agencia.ecclesia.pt](http://www.agencia.ecclesia.pt)*

*Agência Ecclesia – É o 39º bispo da Diocese de Angra, onde só dois foram açorianos. O facto de não ser açoriano é uma vantagem ou desvantagem?*

**D. João Lavrador** – Não sei se é vantagem ou desvantagem, é necessário perguntar aos cristãos e aos cidadãos dos Açores. À partida, sendo açoriano, um bispo tem meio-caminho andado: conhece a cultura, está entrosado com os costumes, há uma parte da “escolaridade” que já está feita. Da minha parte estou a zero, com uma “escolaridade” toda a fazer. Espero ter alguma capacidade de aprendizagem e muita paciência dos que me vão ensinar. Eu vou com muita vontade de aprender, quero

**inserir-me na cultura açoriana, ser açoriano com os açorianos e pertencer à Igreja dos Açores com todas as suas virtualidades e riquezas**, assim me aceitem para integrar a Igreja nos Açores e a cultura açoriana. Vou numa disposição de diálogo, para colaborar com as minhas capacidades e limitações, na avidez de aprender e sobretudo com um grande desejo de servir! Vou para servir!

**Queria unir e convocar para, no respeito pelas instituições e pela sua autonomia, podermos caminhar em conjunto para encontrarmos o melhor bem para as pessoas dos Açores.**

*AE – A diocese está dividida em nove ilhas. Uma característica única, que constitui um problema, na sua opinião?*

DJL – Em primeiro lugar digo que a diocese está unida por nove ilhas, não dividida... **O mar tanto divide como une e para mim vai unir.**

Farei tudo para que o mar possa unir! A amizade é que une. **Quero criar em cada açoriano um amigo** e que eles me tenham como tal, se eu o merecer!

Olhando para a realidade e sonhando, tenho uma percepção que aquelas nove ilhas dão para “saltar” de uma para as outras. Tal como fazíamos em crianças em determinados jogos, dá-me ideia que não há obstáculos. Talvez demore meia hora, um dia,

mas também me vai obrigar ao que não estou muito habituado: “para, atende as pessoas, está com elas e não estejas a pensar que vais já para outro lado a correr”.

*AE – E aí condição geográfica acaba por ser uma ajuda?*

DJL – Penso que sim. Foi Deus que fez a geografia. E, se a fez, é porque está bem feita.

*AE – Os indicadores da diocese informam que os serviços funcionam de determinada forma na ilha onde estão sediados e de outra, para pior, nas restantes. Vai ser possível inverter essa tendência e criar mais unidades?*

DJL – Os serviços da Igreja?

*AE – Sim, da Igreja.*

DJL – Eu ainda não conheço verdadeiramente. Vou ter de conhecer. Tive um primeiro contacto com os serviços centrais em Angra, sei que tem alguns núcleos de dinamização em S. Miguel, particularmente a nível de instalações e apoio a trabalhos pastorais, e também nas outras ilhas.

Penso que as estruturas têm de estar ao serviço das pessoas e dos serviços, dos projetos pastorais que se procurem, atendendo à realidade concreta onde nos situamos.

**A minha primeira prioridade é conhecer e conhecer**

**longamente!** Eu não tenho pressa para tomar decisões, porque vão continuar a ser do senhor D. António e muito bem! Quando for chamado a ser eu a tomar as decisões, certamente já estarei mais esclarecido e terei ocasião de, depois de conhecer bem e fazer um

trabalho de comunhão com todos, ver o que é necessário valorizar, permanecer ou alterar.

As estruturas estão sempre em evolução consoante a realidade pastoral que formos projetando. Eu vou para uma diocese que já tem perto de 500 anos. E quando de lá sair, ela vai continuar!

Eu vou inserir-me na Igreja que já tem esta belíssima história e espero que, ao deixá-la, possa vir com o sentimento de dever cumprido e de entrega do melhor de mim próprio à Igreja, como tem sido a sensação no Porto e noutros locais por onde tenho passado. Talvez cansado, mas dizendo que fiz tudo o que pude para **gerar comunhão, convocar para a participação** e que as decisões sejam de todos os diocesanos, não de uma só cabeça.





### **O seminário é para manter**

*AE – Como caracteriza a Diocese de Angra?*

DJL – Ainda conheço pouco. À medida que fui conhecendo, verifico que tem uma prática religiosa bastante forte, muito acima da média de Portugal no seu todo. Tem um clero muito ativo, muito bem formado, a nível espiritual e académico, numa dedicação muito grande. Verifiquei, pelo contacto de muitas pessoas, que têm leigos muito bem preparados e entusiasmados na missão que lhe é própria, nas áreas da sua relação com o mundo, onde devem estar. Isto dá-me um entusiasmo muito grande! Isto quer dizer que os bispos, seja o senhor D. António Braga e os que o

antecederam, na pessoa deles e com as estruturas diocesanas, fizeram um trabalho extraordinário.

Ter o seminário é um valor muito grande. Dizemos que é o “coração da diocese”, mas precisa de estar vivo. E **na Diocese de Angra o seminário está vivo**, com os seus professores e os alunos, e os que integram a comunidade, como verifiquei...

*AE – Na deslocação aos Açores após a nomeação foi lá que esteve*

...

DJL – Sim, estive com o Seminário na minha deslocação aos Açores. Trata-se de um valor a nível vocacional, porque é um sinal para toda a diocese

da necessidade da vocação sacerdotal, que implica todas as outras vocações, tanto à vida consagrada como ao matrimónio, e nível diocesano porque todos os padres que são chamados a uma formação superior para estar no seminário e dar aulas, estão a valorizar a diocese.

Do seminário, enquanto um centro de estudo e reflexão da teologia, pode lançar-se uma ponte, que está lançada e pode ser continuada, com o mundo da cultura, nomeadamente a universidade dos Açores.

*AE – Quer isso dizer que o Seminário é para manter...?*

DJL – Farei tudo o que puder para o manter. Sou um apaixonado dos seminários e sei o valor que eles têm, até ao limite. Reconheço também que, se o número de alunos não o justificar ou diante de outras circunstâncias, temos de nos render às nossas limitações. Estou convencido de que o que Deus quer é que cada diocese tenha o seu seminário. E continuaremos a rezar para que tenhamos vocações para que isso aconteça.

*AE – Garantindo que os estudos no Seminário de Angra tenham equiparação a um curso superior?*

DJL – Esse é um trabalho que eu quero dar continuidade: ter a acreditação dos estudos, porque é uma questão de justiça para a instituição. Julgo que a Universidade Católica também terá todo o gosto de ajudar dioceses que, tendo características muito próprias, se valorizem estejam numa comunhão cada vez maior com os centros de decisão.



### **Cristo no centro da religiosidade popular**

*AE – O alto índice de prática dominical é um bom ponto de partida?*

DJL – Sim, com as características dos Açores, com as devoções açorianas, que têm Jesus Cristo no centro e são por isso as melhores, e que colocam a ação no Espírito Santo, que impera, aconselha, fortalece, dá ânimo, ensina, dá inteligência, provoca a sabedoria e, sendo amor de Deus presente nos ser humano, o faz reconhecer o outro como irmão e o leva a partilhar. É por isso que nos Impérios do Espírito Santo está sempre o espírito da partilha, o sentido de que não haja ninguém que não tenha a sua vida satisfeita nas necessidades básicas, nomeadamente a alimentação, e a alegria.

Ter uma prática religiosa, ligada a esta circunstância da devoção e piedade popular cristocêntrica, ajuda-nos imenso no nosso trabalho.

*AE – Para além dos Impérios do Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo, os Romeiros na Quaresma são muito marcantes, na Quaresma. Podemos falar da necessidade de evangelizar cada um desses setores da religiosidade popular açoriana?*

DJL – Mais do que religiosidade,

a piedade.

A piedade é boa, faz parte da relação entre o religioso e a cultura de cada tempo, de cada povo, da sua sensibilidade e genuinidade da própria fé.

Todo o religioso não pode ser estático. A religiosidade, o sentido do divino que muitas vezes se deturpa, tem muitas purificações a fazer.

A piedade, sendo uma interligação entre o cristão e a cultura, tem a sua expressão cultural e tem de ter a evolução que a cultura lhe vai colocando. Tem de ter a iluminação que, a partir da Igreja, da renovação conciliar e da fundamentação da Sagrada Escritura, vai ajudando a fermentar a cultura, que vai absorvendo os valores do Evangelho, vividos a partir da realidade concreta.

*AE – Para o bispo, os líderes das comunidades, os párocos, a piedade é uma mais-valia para a dinamização pastoral na diocese?*

DJL – É! O que é permanente é o que marca a cultura. Nós não temos dado devido valor à cultura, porque ela vai entrar em dinâmica com o Evangelho, sendo veículo para que ele chegue, pessoal e comunitariamente, e o próprio Evangelho vai fermentar e purificar a cultura.

Temos hoje muitas realidades que são anti-humanas e não respeitam a dignidade da pessoa humana porque falta o Evangelho. O Evangelho dignifica! É necessário que o Evangelho entre na cultura. Neste momento estamos a correr o perigo de ficar apenas com um sentido cristão ritualista, separados da interferência na cultura e na sociedade, sobretudo nos locais de decisão. Isso compete essencialmente aos leigos e é fundamental porque é aí que se forja a cultura, a olhar para uma história que há de manifestar uma civilização que é humana ou não é humana. E para ser humana o Evangelho tem de lá estar.





### ***Cultura, o maior desafio***

*AE – Qual o maior desafio colocado à Igreja Católica?*

*DJL – O maior desafio vem da cultura.*

Há uma glória que os Açores têm e que era bom que o mantivessem. A nossa cultura está caracterizada pela modernidade e pós-moderna, marcada pelo choque entre o racional e a fé que levou a uma lucidez maior na relação entre a fé e a razão, a uma indiferença em relação à fé que criou muitos dramas interiores em muita gente que fica na questão e não chega à luz que a fé traz.

**Os Açores, no que toca à cultura moderna em Portugal, foram**

**pioneiros.** Desde o século XIX e passando pelo primeiro quartel do séc. XX, encontramos a provocação do pensamento na arte poética, na literatura e no pensamento especulativo, que levou ao confronto com a fé, com a cultura caracterizada pelo sentido religioso. E vemos que, no contexto do desenvolvimento político-social do primeiro quartel do séc. XX, isto transformou-se numa atuação de caráter público e político. Basta dizer que na I República há uma intervenção de personalidades dos Açores.

Digo que isto é glória porque é uma realidade que a Igreja deve aceitar hoje, na serenidade do encontro e do desafio que vem do pensamento, da esfera pública, de uma cultura que capacite a Igreja para dialogar, oferecendo as razões da sua esperança e as fundamentações pelas quais a sociedade e a cultura as possa adquirir.

*AE – Os Açores hoje têm a aprender com o que foram ativos maiores da religiosidade açoriana nos inícios do séc. XX, no diálogo com a cultura?*

*DJL – Sim, porque teve algum drama, excessos, mas foi uma grande escola de aprendizagem para a Igreja. O*

que o Concílio veio oferecer como metodologia para a ação da Igreja no mundo já lá estava presente. Os grandes movimentos que fermentam uma forma de estar e vão culminar no Concílio, já lá estão desde o séc. XIX e na primeira metade do séc. XX: os grandes movimentos de leigos, a consciência laical, os grandes debates, conferências congressos que aparecem, o grande desafio ao apostolado organizado, a ilustração do clero, nomeadamente no Colégio Português em Roma no final do séc. XIX e que teve reflexos na renovação dos seminários em Portugal.

*AE – Quer isso dizer que o catolicismo nos Açores foi precursor do Concílio Vaticano II?*

*DJL – Estou convencido que sim. Tem marcas que ajudou a respostas harmónicas e pedagógicas por parte do Concílio.*

*AE – No diálogo cultural e na intervenção da construção das sociedades, que papel deve ter a presença da Igreja Católica na comunicação social?*

DJL – Nós estamos no mundo da comunicação, seja na construção da opinião, seja no estabelecer de relações.

Apercebo-me que a Diocese de Angra tem feito um esforço muito grande não só na imprensa, com jornais nas várias ilhas, também com nostalgia de um diário da Igreja, que já teve, e que pode ser equacionado no futuro.

*AE – É necessário um título diocesano?*

DJL – Teoricamente digo que sim. Depois depende das circunstâncias. É uma questão a equacionar. Tudo o que se puder fazer pela comunicação social, até por que estou há longos anos com 'devoção' a esta causa, deve ser feito. Mas com os pés assente na terra!

**A comunicação deve ser feita em articulação entre os vários meios, não só por um.** A comunicação tem de ter em conta o visual, sobretudo a televisão, conjugando-o com as novas tecnologias, a internet, as novas redes... Tudo tem de estar articulado. E tem de estar em comunhão,

o que exige um passo: a **Diocese de Angra não pode ser uma ilha no contexto da Igreja no seu todo, e sobretudo a Igreja em Portugal.** Tem de haver sinergias entre os órgãos nacionais e os diocesanos.

Nos Açores, a diocese tem um site invejável, muito bem feito, feito por pessoas competentes. E tem feito um esforço interessante de formação e de criar pontes com outros órgãos e outras instituições da cultura.

*AE – Disse há pouco que a Diocese não pode ser uma ilha em relação ao todo nacional. Não terá primeiro de reunir as várias ilhas?*

DJL – Aí a comunicação tem um valor extraordinário porque o primeiro sentido de comunhão entre as várias ilhas dos Açores é feito pela comunicação social: é a mais rápida, espalha-se imediatamente com capacidade de emitir opinião, que não tem de ser unânime, mas de comunhão entre todos.

Nós nunca podemos descurar as duas vertentes, a interna e a externa. Mal de nós se estivermos a pugnar por estabelecer comunhão, unidade e uma comunicação social para dentro da própria Igreja e não atendermos à

sua relação com o todo da Igreja e o todo da sociedade. **Sou apologista de uma comunicação social de inspiração cristã e que reflita os grandes acontecimentos e que ajude a sociedade a acertar critérios e a valorizarmo-nos mutuamente.**





### **A primeira palavra para os que não têm voz**

AE – A Igreja nos Açores, como no todo nacional, é muito afetada pelas questões da pobreza. Não cabendo à Igreja Católica definir um programa político que faça face aos problemas sociais, de que forma pode intervir?

DJL – A Igreja deve ter a primeira palavra na defesa daqueles que não têm voz, dando-lhes voz! O Papa Francisco tem ajudado muito a Igreja a descomplexar-se em relação a esta realidade: o pobre tem de ter o primeiro lugar e tem de lhe ser dada voz; os pobres não podem esperar. O que traz consequências! Primeiro, temos de verificar as várias facetas da pobreza, que são uma vergonha para a Igreja. Depois, há uma realidade teológica da pobreza: o pobre é para nós uma realidade muito sensível da

presença de Jesus Cristo. Tenho sempre presente o que afirma o Evangelho: como Jesus diz 'isto é o Meu Corpo', na Última Ceia, também refere 'tudo o que fizerdes a este mais pequenino, a Mim o fizeste'. Quer isto dizer que há uma relação: todo o que celebra a Eucaristia tem de estar muito desperto para ver Jesus Cristo no pobre, não para o continuar a ser, miseravelmente, mas para dizer que o pobre tem força, tem voz, pode ser protagonista, o que implica não ficar na assistência, mas ajudar a encontrar os meios para a sua dignidade.

**O pobre diz à sociedade que o ser é mais importante que o ter e que há uma fraternidade, um sentido de relação de irmãos que não está feita.**

AE – Em todo o caso, diante de focos pobreza é preciso uma intervenção?

DJL – É necessário uma intervenção

imediate, não podemos esperar por programas ou projetos. É necessário cultivar o sentido de vizinhança: o que se puder ser resolver na família é aí que deve ser resolvido, ou na paróquia, como dizia o padre Américo, é aí que deve ser resolvido. Há também realidades e sobretudo causas da pobreza que só a nível da sociedade é possível resolver, o que exige união e apelos para que o poder político.

AE – *Que relacionamento com as instituições públicas e governamentais? Até porque há um dado curioso: D. António Sousa Braga chegou aos Açores, há 19 anos, num tempo de mudança de ciclo político... Em 2016 também há eleições nos Açores. Acha que pode acontecer alguma mudança também?*

DJL – Os cidadãos é que dirão. A Igreja tem de ter a sua marcha, não está desatenta à realidade política e tem de ter uma palavra iluminadora. Nesse sentido, não abdicarei do

que deve significar a palavra iluminadora, mas nunca me peçam para ter qualquer tipo de particularidade de orientação partidária. Merecem todos igual respeito. E quero dizer isto com muita convicção: todos os partidos merecem igual respeito e trabalharei com todos, na autonomia do poder político e das instituições sociais. Peço que me ajudem a ter autonomia e a trabalhar dentro do que é específico da Igreja. Dizer 'autonomia' é proporcionar a possibilidade de atuação e de cidadania. Assim como eu julgo que as instituições públicas têm para a Igreja, em sentido de colaboração para o bem comum, uma tarefa a desempenhar, também a Igreja é chamada a estar no espaço público para oferecer o que ela tem para o bem comum e para o bem das pessoas. As mudanças que aparecerem dependem do que as pessoas quiserem fazer, são respeitadas integralmente e são amadas da mesma forma.



### **Ilhas são dioceses de pleno direito**

*AE – Objetivos a concretizar no Jubileu da Misericórdia?*

*DJL – É uma graça muito grande iniciar nos Açores o Jubileu do Ano da Misericórdia.*

A Igreja está numa aprendizagem cada vez maior de algo que já tem milénios, atravessa a História da Salvação. Conhecer Deus é vê-Lo a partir da misericórdia. Ele olha para tudo o que criou e sobretudo para o ser humano com misericórdia.

A Igreja tem de aprender que é chamada a viver a misericórdia e, através dela, incorpora o que o ser humano tem de maior, mais nobre, a inteligência, a verdade, a relação com os outros, o sentido da justiça, e sobretudo incorpora o amor. Tudo está na misericórdia!

A Igreja, ao exprimir a misericórdia na

sua atuação, está a fazer um serviço extraordinário para que a sociedade viva a unidade, a comunhão e se sinta um todo.

Um outro aspeto...

Penso que tudo isto tem de extravasar do arquipélago dos Açores. E trata-se de uma interpelação à Igreja em Portugal (permitam-me os outros senhores bispos, na Conferência Episcopal): penso que não temos a consciência verdadeira de que a Igreja em Portugal é um todo e os Açores – e permitam-me que fale também na Madeira, porque é outra realidade de entrada – são de pleno direito e com a mesma dignidade na Igreja em Portugal.

*AE – As dioceses das ilhas são esquecidas?*

*DJL – Pela linguagem e pela forma como se reage, dá-me a entender que*

há uma dupla realidade. Digo-o com muita humildade e com muita simpatia por todos, mas tenho de o dizer. Quero deixar esta tónica porque vou trabalhar para que haja um sentido de unidade e comunhão.

*AE – O que está em causa?*

*DJL – É uma questão de tratamento. Aqui também pode acontecer, entre o litoral e o interior, entre o Norte e o Sul, se calhar estamos na mesma situação.*

Há um trabalho a fazer para nos sentirmos todos mais solidários, mais irmanados uns com os outros e a sentir o que está na génese do episcopado: somos responsáveis por todas as Igrejas. Claro que cada um tem a responsabilidade própria pela igreja local que lhe está confiada, mas ela é de todos. Eu irei, pelo menos através da voz, reclamar isto mesmo.

*AE – Chega aos Açores quase ao mesmo tempo da Imagem Peregrina*

*de Nossa Senhora de Fátima. É uma oportunidade para conhecer a diocese?*

*DJL – É uma ótima e uma grande graça. Não posso ter melhor companhia para ir, de ouvidoria em ouvidoria, conhecer a diocese.* Será uma ótima ocasião para conhecer a realidade da diocese, mesmo sem ser em profundidade porque a passagem é relativamente rápida. É uma primeira aproximação muito interessante porque me vai ajudar imenso. E na companhia de Nossa Senhora. Se eu tenho de aprender alguma coisa é com quem está mais próxima de Jesus, Nossa Senhora.

Espero que Nossa Senhora se lembre deste pobre 'Lavrador' que está entusiasmado em cultivar a Messe do Senhor. Que ela se lembre e derrame as suas graças sobre mim e sobre a diocese. É isso que vou implorar: que ela me ensine os caminhos desse sim, generoso e grande, capaz de transformar o mundo e esta terra onde vivemos.



### «A Igreja nos Açores»

Historicamente, a Igreja Católica nos Açores é a primeira e a mais antiga instituição que exprime e promove a unidade e autonomia açorianas. Efetivamente, o povoamento dá-se à volta da comunidade eclesial, que tem o seu centro na igreja, onde as pessoas se reúnem e celebram a sua fé.

A palavra «freguesia» é de origem eclesiástica. Vem de «fregueses»: «feligreses», filhos da Igreja. Curiosamente, para a comunidade cristã ficou o nome civil «paróquia», que significa literalmente «vizinhança»: os paroquianos são os «vizinhos», que vivem perto uns dos outros e formam a «comunidade», organizada e unida à volta do Bispo.

#### 1. Igreja Particular

A Igreja Católica não é uma espécie de empresa multinacional, com filiais espalhadas pelo mundo inteiro. Ela é o conjunto de Igrejas Particulares,

presentes e operantes no mundo, mas não é a soma delas, nem uma sua federação. Não preexiste às Igrejas Particulares, que provêm de uma primeira Igreja Particular. A *Evangelii Nuntiandi* explica claramente que «a Igreja, difundida por todo o orbe, tornar-se-ia uma abstração, se não se transformasse num corpo e não tivesse vida, precisamente através das Igrejas Particulares» (nº 62). Isto significa que a Igreja Diocesana não é uma espécie de Província da Igreja Universal, mas nela está e opera toda a Igreja de Cristo, que assim se toma presente num determinado lugar (cf C/C 11). Por ser constituída por uma porção concreta de humanidade, com uma língua e cultura próprias, com uma história e visão do mundo específicas, cada Igreja diocesana tem um rosto próprio e uma maneira peculiar de inculturar o Evangelho. Quer dizer, a Diocese deve realizar, na área

humana em que está inserida, a identidade da única Igreja de Cristo. Por isso, amar e servir a Igreja significa amar e servir o povo que constitui uma determinada Igreja Particular, com as suas características. Neste sentido, cada Diocese tem de ter um projeto de Igreja, «que se abra ao povo que serve e que lance raízes e encarne no mesmo, conhecendo, valorizando e promovendo a sua idiosincrasia, história, cultura e nobres tradições; que assuma com carinho a sua identidade e os seus valores; que adote uma atitude firme e crítica a

respeito dos seus vícios e defeitos e que fomente, em todos os momentos, a sua consciência de povo» (Joan Bestard, *Corresponsabilidade e Participação na Paróquia*, Gráfica de Coimbra, 1997, p. 185).

#### 2. «Sede misericordiosos como o Pai»!

É o lema, recomendado pelo Papa Francisco, para o Ano Santo da Misericórdia, que vai ser inaugurado no próximo Advento. Ora «ter misericórdia» consiste na capacidade de «se compadecer», de «padecer-com», pondo-se no lugar do outro, como Jesus, que Se fez um de nós,





revelando-nos o amor misericordioso do Pai. Jesus disse-o claramente: «*Filipe: quem me vê, vê o Pai*». Jesus revela-nos que Deus é amor, amor que tem a sua máxima expressão na misericórdia. «*Sede Misericordiosos como o Pai*» - exorta Jesus. E, para ser «*Misericordiosos com o Pai*», é preciso, pois, olhar para Jesus, que é a revelação da Misericórdia do Pai.

É o que nos recomenda o Papa Francisco para o Ano Santo da Misericórdia. Na *Exortação Apostólica - A Alegria do Evangelho (AE)* - o Santo Padre convida-nos a «*uma nova "saída" missionária*

da Igreja», no sentido de passar de «*uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária*» (AE 15):

- «*A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: 'fez-se sempre assim!' Convido todos a serem ousados e criativos, nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respetivas comunidades... (AE 30).*
- «*Nem sempre conseguimos manifestar adequadamente a própria beleza do Evangelho, mas há um sinal*

que nunca pode faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora» (AE 195).

- Nesse sentido, o Conselho Presbiteral de 2014 recomendou que a Diocese procurasse os melhores caminhos, para desencadear um processo, que ajude a identificar e caracterizar as periferias da sociedade açoriana.
- O Ano Santo da Misericórdia é uma oportunidade para desencadear esse processo, com iniciativas, que ajudem a um melhor conhecimento da nossa realidade. Neste mundo em mudança, quais são as novas periferias, em que urge intervir? Não apenas com

a esmola, mas desencadeando um processo de autêntica promoção humana e social. ... » (AE 17), nos ambientes, onde as pessoas sofrem e precisam, portanto, de amor, que se exprima em autêntica misericórdia.

+ António, Bispo de Angra Angra, 3 de Novembro de 2015.



### Peixes de águas profundas

Açores 1994. Ritual iniciático para todos os recém-chegados a São Miguel. Um banho na velha piscina do pesqueiro, em Ponta Delgada, de frente para o Oceano. Sempre o Atlântico a unir-nos e a separar-nos. Foi uma das frases que ouvi de forma repetida quando aqui cheguei para me instalar. Cedo percebi o alcance dela.

Nem sempre é fácil perceber os açorianos e os Açores. Nove ilhas, nove realidades diferentes, e outras tantas personalidades. Cada ilha é uma ilha, e onde fica a coesão do arquipélago? Pergunta atrevida para quem chega e se instala. É preciso dar tempo ao tempo, conhecer todas e cada uma delas e entrar no seu ritmo. Talvez no grupo central esta resposta seja mais fácil. As ilhas quase que se beijam. De São Jorge avista-se o Pico, a Graciosa, a Terceira e o Faial. Às vezes, quando o céu e o mar permitem, até parece que se tocam. Um e outro levam-nos ao infinito, muito para além da ilha.

Os Açores podem ser uma das maiores aventuras de uma vida. Uma terra marcada pela geografia, que vale outro tanto como a história. Peça de empréstimo esta ideia de Vitorino

Nemésio, que através do Corsário das Ilhas, nos ensina a conhecer o Arquipélago.

A viagem é impressionante e através dos lugares e da sua história, facilmente se percebe que o povo açoriano, “ramo atlântico da portugalidade” tem a sua história; que essa história tem vida própria e possui um fio condutor bem definido. Onde não há tempo para estados de alma pouco superficiais porque a natureza é madrastra, destrói-nos a vida de um momento para o outro e deixa-nos pouco tempo para pensar no passado. Ao contrário do que se possa pensar os açorianos não são “existencialistas mas essencialistas”. Por vezes, exibem um pragmatismo que nos fere a alma.

Os Açores são um dos raros locais onde habita o imperativo categórico e os açorianos são diferentes. Definitivamente diferentes. Não sei se é do mar se é dos vulcões, do Espírito Santo ou de uma vivência penitencial da fé, tão própria das romarias quaresmais, das baleias ou do contacto com o outro lado do Atlântico, mas são diferentes. Como diz Pacheco Pereira, num texto

de homenagem a José Medeiros Ferreira, os Açores “Ou dão peixes de águas profundas, ou católicos com uma profundidade de crença sem paralelo com o continente, ou ensimesmados que se tornam em loquazes, com um português impecável e original, ou humoristas finos, ou uma qualquer combinação de todas estas coisas”.

Os Açores nunca foram terra de missão, embora sempre tivessem sido uma periferia nacional e hoje uma ultraperiferia, com estatuto político na Europa.

A história do arquipélago confunde-se com a da diocese de Angra que agora se prepara para acolher um novo bispo, por ora coadjutor, mas que em breve será o 39º Bispo de Angra.

A sociedade açoriana desde sempre foi católica, até porque para se povoar as ilhas tinha que se ser cristão. Por outro lado, os povoadores viera acompanhados de sacerdotes, que os enquadravam religiosamente. Os açorianos, tal como os portugueses em geral, são cultural e mentalmente produtos do catolicismo romano, mesmo quando parecem afastar-se da ortodoxia, confessam-se ateus, “Graças a Deus”.

Exibem uma das mais elevadas práticas dominicais e vivem como ninguém a religiosidade popular, de uma ponta à outra do arquipélago. Nunca ficaram indiferentes à mudança. Assimétricos entre si, na geografia e no desenvolvimento, sobretudo económico, conservam uma unidade espiritual incomparável, acentuada por uma ligação estreita entre a política e a religião, hoje a Igreja é uma das respostas mais eficazes aos problemas da sociedade açoriana através da sua rede de ajuda social. As ilhas são sagradas. E os açorianos embora hoje um pouco menos comprometidos, são intrinsecamente cristãos.

*Carmo Rodeia  
Jornalista, Portal 'Igreja Açores'*



## Açores, impossível sem a palavra mistério.

Realizar um programa de televisão supõe, no mínimo, três olhares: o olhar do visitante, o olhar da câmara que vai mais longe que as evidências e um terceiro e último que consiste na construção do discurso televisivo com cortes, montagens, banda sonora, tratamento de planos, luz, enquadramentos e pessoas. Mas tentar perceber a origem de tudo, a evolução na criação duma cultura, as linguagens próprias nas palavras, nos gestos, nas expressões, nos olhares, nos silêncios, nos ritmos e acentuações do dizer, na cultura que tem uma génese e uma história, sem evidências primárias, nas expressões populares que são mais verdade que as grandes erudições. Estas por vezes não passam de um conjunto de complexos exorcizados que pretendem ser cultura, superior inteligência e leitura privilegiada da realidade, apenas por fugir ao dizer comum da gente, como fuga para a frente que esmaga o mais sublime da cultura de um povo.

Tudo isto tem a ver com os Açores. Não se trata de chegar a uma casa e pensar que logo à primeira tudo se

entende. Ou encaixa na vulgaridade de lugares comuns sobre uma terra, uma ilha, uma aldeia. De facto as ondas do tempo foram criando camadas de personalidade e formas de construção interior, de tal forma que cada ser é mais que um quadro em branco ou até com tudo o que tem para dizer já escrito. Trata-se antes de um ser portador de uma história peculiar com séculos em confronto com outros que foram chegando, com os muitos que partiram e semearam novos mundos em muitos pontos do mundo e por isso, pátria da diáspora, constituíram uma nova essência de ser açoriano, revestidos duma personalidade que nem sabem definir, nem conseguem rejeitar o berço que os embalou no meio do Atlântico.

Não virá muito a propósito dos Açores, mas não esqueço uma recente experiência na Malásia onde persistem muitos sinais históricos de Portugal. Mais que isso, a presença de Portugal dentro das pessoas que sem saberem uma palavra da língua de Camões, estremecem ao ouvir o nome de Portugal, sabem a sua história, cantam o fado, repetidamente fazem festas,

cortejos e procissões como se fossem todos portugueses. A cadeia familiar mesmo com progenitores desconhecidos ou esquecidos foi mantendo esta chama por um povo, uma cultura é uma fé cristã que ajudou a congregar e identificar um povo. E assim atravessou os séculos.

Penso que algo de semelhante se passa com os Açorianos. Os que partiram e os que ficaram, numa espécie de chama olímpica inapagável que atravessa gerações e sobrevive a cataclismos, mudanças, vulcões, sobressaltos de oceanos e procelas.

O mar não é um cerco que debrua as rochas de cada ilha. É uma grande porta que se abre para os olhos marejados que diariamente desafiam horizontes, e estrada livre para chegar a outras paragens, culturas, histórias e expressões de fé. O açoriano é por natureza viajante, peregrino, apaixonado pela distância e facilmente se deixa seduzir pelo chamamento enamorado da aventura. E vai, como missionário da sua própria terra, mensageiro do seu povo, com a ilha presa a todos os batimentos do coração. Pode esquecer momentaneamente a casa paterna mas nas grandes horas da verdade

sempre se remete e espelha num recanto batido do mar, rocha negra e banhada de águas em espuma furibunda, mas com um som único é um perfume que parece inundar corpo e espírito.

Cada vez mais, dentro e fora dos Açores se conhece e aprofunda a história, cultura e fé dos Açores, não apenas como objeto académico ou científico, mas como quem olha um povo cuja matéria prima de exportação é a própria alma, na sua sensibilidade, olhar sobre o mundo, identidade assumida, predisposição para aprendizagem e afeto em todos os recantos do planeta.

Tudo isto pode parecer um delírio épico sobre uma terra que tem como originalidade estar toda voltada para o mar. Por isso, sem o ângulo do mistério pouco se entende deste povo. É muito mais que a região autónoma dum pequeno país da Europa. É gente, uma cultura, uma fé, uma personalidade, um palpitar de vida que desafia o tempo, como desafia os vulcões ou o estremecimento de terra que tem como imagem de marca o não ser arrogantemente firme. Baloíça, e muitas vezes, como o mar.



# Açores: Igreja tem de ser uma voz mais direta e corajosa

O antigo deputado Renato Moura, que durante 16 anos serviu a Assembleia Regional dos Açores, diz que o novo bispo coadjutor de Angra vai chegar a um território onde a Igreja Católica precisa de se afirmar mais como voz ativa no meio da sociedade.

Em entrevista à Agência Ecclesia, Renato Moura refere que “a Igreja Católica pode ter um papel importantíssimo” na defesa da dignidade e dos valores humanos, ainda para mais num ambiente em que a maior parte das pessoas são católicas e “muito sensíveis à sua mensagem”

No entanto, frisa o antigo deputado, para isso a Igreja Católica “tem de ser mais direta” na sua mensagem e “nas apreciações que faz

relativamente à todos os fenómenos de natureza social.

“A Igreja não pode ser dependente do poder, ele tem a sua função, mas tem também sempre um papel de denúncia perante as situações que considere que efetivamente não são as melhores, tem o dever de fazer com que as consciências se abram e entendam os fenómenos que efetivamente existem”, complementa.

Para Renato Moura, há hoje em Portugal e nos Açores “muita coisa a acontecer e é preciso que a Igreja tenha a coragem de as denunciar, de as dizer e fazer com que as pessoas reflitam acerca delas”.

“E nesse espaço há efetivamente muita coisa a fazer”, alerta o político.

D. João Lavrador vai assumir este domingo a missão de bispo coadjutor da Diocese de Angra, no apoio direto ao atual bispo titular, D. António de Sousa Braga.

Depois de sete anos ao serviço da Diocese do Porto, como bispo auxiliar, o prelado depara-se agora com o desafio de uma nova realidade, com muitas “especificidades”, declara Renato Moura.

“Em todas as áreas, nós só da política e da vivência mas na religiosidade, com maneiras de ser e de estar diferentes em cada ilha, com hábitos que se foram criando porque as ilhas tiveram muitos anos muito fechadas dentro de si”, aponta o político.

Mesmo hoje, em que o contexto social açoriano já é outro, e os transportes também são outros, as vivências das pessoas ainda continuam a ser muito específicas. Para Renato Moura, o novo bispo coadjutor deverá vir “sem ideias

preconcebidas” e com espírito “aberto” a uma nova realidade, a aprender a conhecer um novo ambiente.

“Pelos declarações que fez, D. João Lavrador já vem com humildade para entender esta realidade, e julgo que isso é essencial”, considera o antigo membro do parlamento açoriano. Depois contará “claro” com a sua “experiência de vida, muito grande a vários níveis, que irá facilitar o contacto com as realidades que vai encontrar”.

Para já, Renato Moura recorda que D. José Lavrador vai chegar ao Arquipélago dos Açores numa altura em que este prepara a receção da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, o que será uma “experiência ótima”.

A conversa com o político sobre a vinda do novo coadjutor da Diocese de Angra pode ser acompanhada esta sexta-feira, pelas 22h45, no Programa Ecclesia na Antena 1.

[Ouvir mais Diocese de Angra: perspectiva do professor António Sampaio](#)



# Porto: Diocese homenageou testemunho de entrega de D. João Lavrador

A Diocese do Porto manifestou a sua “gratidão” a D. João Lavrador pelos mais de sete anos de serviço como bispo-auxiliar numa Eucaristia festiva antes da partida para a nova missão de bispo coadjutor de Angra, nos Açores. “Deixou-nos o testemunho belíssimo de uma entrega infatigável ao trabalho diário, de uma dedicação às comunidades e de uma disponibilidade constante para a missão que lhe era confiada”, explicou D. António Francisco dos Santos, à Agência ECCLESIA. Segundo o bispo do Porto o “momento de gratidão de toda a Igreja diocesana”, a Missa na Sé do Porto à qual presidiu este domingo, Solenidade de Cristo Rei, é também uma educação para a gratidão, “em que se anunciam caminhos novos”. “O valor da gratidão educa as próprias jovens gerações, penso que isso é um exemplo cristão e gesto pedagógico que quis afirmar no valor desta Igreja para que saibamos agradecer o dom e os dons que Deus nos dá em cada pessoa”, desenvolveu D. António

Francisco dos Santos. O homenageado revelou-se “muito reconhecido” e destacou a “amabilidade, o carinho e a amizade” do bispo do Porto ao mobilizar a diocese para esta Eucaristia. “Um gesto que sintetiza aquilo que é esta diocese e como ela sabe agradecer aos que estão com ela. Estive aqui ao longo destes anos para trabalhar, aprender e partilhar com este bom povo da Diocese do Porto”, comentou D. João Lavrador. O prelado que esta quarta-feira viajou para os Açores, a fim assumir o novo serviço eclesial destacou que a cerimónia “não é despedida”. “Existe o transladarmos de terreno, a missão é a mesma, e na amizade nunca há realmente despedida, nós continuamos sempre na amizade unidos àqueles que nos marcaram ao longo da vida e não haja dúvida que esta diocese, as suas pessoas marcaram-me profundamente”, desenvolveu D. João Lavrador. Um dos sacerdotes que trabalhou com o prelado no seu serviço de

acompanhamento aos arceprelados/paróquias no sul da diocese foi o vigário de Santa Maria da Feira que assinalou a “disponibilidade, dedicação e proximidade aos sacerdotes”. A nível pastoral, o padre José Carlos Ribeiro, recordou também a “grande proximidade” do bispo-auxiliar aos cristãos: “Um homem de Deus que realmente se dedicou com uma disponibilidade muito grande sempre com o Evangelho que comunicava.”

“Tudo deixa de facto agora a memória de momentos felizes que vivemos e assim construímos também a nossa história de fé e de Igreja”, acrescentou o sacerdote. D. João Lavrador também teve como

serviço pastoral assistir diversos grupos e movimento como os Cursilhos de Crandade que recordaram o acompanhamento sempre de “forma ativa e entusiasmante”.

O presidente deste movimento na Diocese do Porto assinalou que o prelado “foi sempre uma pedra basilar” com um “empenho” que nunca os deixava “baixar os braços na exigência de evangelização”. “Esteve sempre presente em todos os momentos, particularmente na programação das atividades, em todos encerramentos de clausuras, pessoalmente ou com uma mensagem de entusiasmo e de valorização”, acrescentou Joaquim Mota.



## Aposta na Comunicação



Para o padre Ricardo Henrique, diretor do Serviço Diocesano para a Pastoral das Comunicações Sociais da Igreja, um jornal diocesano que chegasse a todas as ilhas “seria muito bom e muito positivo”. “Pessoalmente penso que era muito bom e positivo e poderia ser uma espécie de jornalismo construtivo, a ajudar que as pessoas, dentro desta multiculturalidade, pudessem fazer a leitura da realidade de um modo mais consciente para poderem ter na

sua vida escolhas acertadas”, referiu o sacerdote. “Estranhamente ou não, nos Açores nunca se impôs um jornal regional, nem na Igreja nem a nível dos governos ou de outras entidades”, lembrou o diretor do Serviço Diocesano para a Pastoral das Comunicações Sociais. Desde 2013, a Diocese de Angra apostou no portal [www.igrejaacores.pt](http://www.igrejaacores.pt) como meio de comunicação interno e externo.



## Os números da Diocese de Angra

A Diocese de Angra apresenta “uma das maiores percentagens de população católica do país”, com mais de 92% dos residentes a professarem o catolicismo. “Dos 247 066 habitantes nas nove ilhas do arquipélago, 228 285 dizem-se católicos, isto é, 92,39% dos açorianos ou residentes nos Açores professam a religião católica registando-se aqui, também, uma das mais altas taxas de prática dominical”, informa o portal ‘Igreja Açores’.

Segundo o sítio online informativo da Diocese de Angra, esta Igreja local mobiliza “milhares de leigos” nos vários movimentos e serviços da Igreja, por exemplo na catequese onde registam 2878 catequistas para 22 892 catequisandos, do primeiro ao décimo ano.

No contexto da infância e à juventude “os números são mais expressivos”: Primeira comunhão realizada por 2442 crianças; a profissão solene de fé por 2078 adolescentes e 2083 jovens receberam o sacramento do Crisma”.

A diocese insular tem 165 paróquias e 22 curatos, ao serviço 160 sacerdotes e seis diáconos permanentes e da partir dos relatórios dos párocos de 2014, a Cúria diocesana contabilizou 469 casamentos católicos e 2457 batismos.

A Diocese de Angra foi erigida pelo Papa Paulo III com a bula ‘Equum Reputamus’, de 1534.





## «Igreja em diálogo com o mundo», reflexões D. João Lavrador



O livro 'A Igreja em diálogo com o mundo' reúne artigos escritos por D. João Lavrador no jornal 'Voz Portucalense' onde existe uma "leitura" de acontecimentos eclesiais e outros "sempre num humanismo cristão". "O título no fundo é este diálogo, esta compreensão, este perspetivar a partir da Doutrina Social da Igreja o que são os grandes

acontecimentos que marcam o dia-a-dia, que eram relevantes e ajudariam o povo de Deus através dessa mesma reflexão a encontrar um sentido esses mesmos acontecimentos", revelou D. João Lavrador à Agência ECCLESIA. Nestes artigos, publicados entre maio de 2009 e julho de 2015, o prelado ajudou a "ler" acontecimentos eclesiais ou outros "sempre pela

lógica do humanismo cristão".

'A Igreja em diálogo com o mundo' conta com 86 artigos de opinião divididos em sete capítulos: "Evangelho e cultura", "Promover a justiça e a paz", "Testemunhar a alegria do Evangelho", "Promover a renovação comunitária", "Comunidade e ministérios", "Alguns âmbitos educativos - Família/Escola" e "Maria de Nazaré".

'A Igreja em diálogo com o mundo' é publicado quando se celebram os 50 anos e, nesse sentido, o autor considera que hoje deve-se "olhar" o mundo "não no sentido condenatório" mas, sobretudo, para "oferecer os valores do Evangelho". "Enriquecemo-nos mutuamente neste diálogo, enriquece a Igreja e enriquece-se o mundo assim estejamos dispostos a ouvirmo-nos mutuamente e a construir o único reino que Jesus Cristo nos trouxe", acrescentou D. João Lavrador destacando que "na realidade do mundo os leigos têm a primazia sobre a hierarquia" onde têm de "ser testemunhas".

O bispo do Porto, que escreveu o prefácio da obra, observou que o "testemunho" do até agora bispo-auxiliar fica escrito e "palavras do bem que fez" permanecem.

"As sementes que ele lançou, o trabalho que realizou e de quanto nos ensinou a aprender nestes novos caminhos de diálogo da Igreja com o mundo", explicou D. António Francisco dos Santos.

Para o prelado, o leitor "não pode ser apenas" o destinatário da mensagem, como o cristão não poder ser apenas o destinatário da Boa Nova e tem de ser "discípulo missionário abrindo caminhos. O diretor editorial da Paulus Editora, que publicou a obra revelou que os artigos publicados desde 2009 "continuam" a manter a sua atualidade "pela forma como foram escritas e pelo seu conteúdo" e a capacidade do autor em "escrever para todos". "Não apenas para os católicos mas todos os que são os homens de boa vontade. É uma linguagem que se debruça muito sobre os valores culturais e a partir destes valores vai-se levando o E a toda a humanidade".

No auditório do Paço Episcopal do Porto, o diretor do semanário Voz Portucalense, o padre Manuel Correia Fernandes, adiantou que os textos "sempre foram muito apreciados pelos leitores".

# Banco Alimentar Online

<http://www.bancoalimentar.pt>

No próximo fim-de-semana em todos os supermercados por este país fora, os portugueses são convidados a aderirem massivamente à campanha de recolha de alimentos promovida pelo Banco Alimentar. Assim a sugestão desta semana passa por uma visita ao espaço virtual desta organização.

Esta Instituição Particular de Solidariedade Social pretende ser uma resposta necessária mas apenas provisória, às necessidades alimentares de mais do que 275.000 pessoas. Recolhendo e distribuindo “várias dezenas de milhares de toneladas de produtos e apoiando ao longo de todo o ano, a acção de mais de 1.800 instituições em Portugal”.

Ao entrarmos na página principal, encontramos em destaque todas as campanhas que estão em vigor e percebemos, antes de mais, que estamos perante um espaço virtual que apela ao nosso sentimento de partilha e de responsabilidade moral, para com todas aquelas pessoas que pouco ou nada têm para se alimentarem.



Na opção “federação”, somos informados sobre qual a missão, visão, valores, história e outros dados relevantes sobre a federação dos bancos alimentares. Caso pretenda saber tudo o que é feito por esta IPSS basta clicar em “o que fazemos”. Aí descobre todas as acções que são desenvolvidas ao longo de todo o canal de distribuição alimentar, desde a recolha de alimentos até à consequente distribuição.

No item “perguntas frequentes”, através de uma forma directa e bastante simples, podemos ficar esclarecidos sobre todas aquelas dúvidas que possamos ter, e que através das respostas nos ajudam a conhecer o extraordinário trabalho desta organização.

Em “doar alimentos”, ficamos mais elucidados sobre as doações em géneros alimentares que podemos efetuar seja ao nível particular bem como ao nível empresarial. Existe ainda a possibilidade de uma colaboração financeira, seja através de donativos com benefícios fiscais,

ou doando parte do IRS a favor desta instituição.

Em ser “voluntário”, existe um formulário para ser preenchido directamente nesta plataforma, onde o/a candidato/a pode indicar a sua disponibilidade e local onde irá exercer esta nobre missão de ajudar quem mais precisa.

Aqui fica lançado o repto, adira a esta campanha e fique mais próximo e informado para poder alimentar esta magnífica ideia.

Fernando Cassola Marques  
[fernandocassola@gmail.com](mailto:fernandocassola@gmail.com)

**RECOLHA DE ALIMENTOS**  
**28 DE NOVEMBRO A 6 DE DEZEMBRO**  
CAMPANHA SACO | AJUDA VALE | ONLINE



FAÇA 1 DOAÇÃO >>

SEJA VOLUNTÁRIO >>



OS NOSSOS VALORES



A DÁDIVA E A PARTILHA  
Os Bancos Alimentares são Instituições Particulares de Solidariedade Social que lutam contra o desperdício de produtos alimentares, reunindo-os para distribuição aos...

CAMPANHA DE RECOLHA



CAMPANHA DE RECOLHA EM SUPERMERCADOS  
RESERVE JÁ ESTA DATA

NOTÍCIAS

O valor de um gesto no combate à fome



### II Concílio do Vaticano: Diálogos entre Paulo VI e Jean Guitton



De 1962 a 1965, as atenções da Igreja estiveram centradas no II Concílio do Vaticano. Esta reunião magna, convocada por João XXIII e continuada por Paulo VI, rasgou horizontes depois de alguns períodos turbulentos na história da humanidade.

Na obra «Diálogos com Paulo VI» da autoria do filósofo francês, Jean Guitton (1901-1999), lê-se que o cardeal Montini considerou as IV sessões conciliares como uma atividade “a céu aberto”. Para o Papa Paulo VI, o segredo é uma “invenção dos homens, uma medida de proteção”, mas o mistério é “coisa inteiramente diferente: é a substância do que não se vê” (In: Jean Guitton; «Diálogos com Paulo VI»; Edições Livros do Brasil; página 243).

O mistério do concílio não se discernirá nunca completamente, “enquanto navegarmos no fluxo da história”, escreveu o filósofo francês que foi «observador» do II Concílio do Vaticano. Ainda durante a primeira sessão desta assembleia, Jean Guitton questionou-se se poderia enviar crônicas para os jornais, “uma vez que fizera juramento de ser discreto?”. Dialogou com “um prelado sensato” sobre o assunto e ele respondeu-lhe com “esta máxima que depois se me tornou preciosa: nada sobre o segredo, tudo sobre o mistério”.

O concílio deveria “desenrolar-se no segredo”, mas isso “era praticamente impossível, por causa do grande número de padres, das indiscrições inevitáveis, dos meios modernos de informação, e também da

curiosidade”, disse o Papa Paulo VI. Este “mal inevitável teve um bem como consequência” (os inconvenientes têm as suas vantagens e os espinhos têm as suas rosas). A vantagem foi a de o “universo inteiro” se poder manter ao corrente das deliberações dos padres conciliares, sublinhou o Papa italiano.

Neste diálogo entre o sucessor de Pedro e o filósofo francês, o antigo cardeal de Milão (Itália) pedia para que se esquecesse “o acidental, as vagas, talvez a espuma” porque, tal como a hora que soa, “o concílio é precedido e seguido pelo silêncio”.

Entrasse “no silêncio posterior em que se ouve o eco da hora que soou”.

Ao revisitar o passado da História da Igreja e os concílios anteriores, o grande obreiro desta assembleia magna referiu que “muitas crises, possíveis a priori, foram evitadas”. Um dos resultados mais visíveis foi que o concílio “decorreu sem demasiados abalos; não foi suspenso, interrompido, chegou ao fim, e, por vezes, para além das esperanças”. “Foi um tempo de visita divina, uma grande hora, um momento vigoroso no tempo da Igreja”.





## novembro 2015

### 26 de novembro

. Guarda - Seia (Auditório da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Seia) - Seminário «Respostas Sociais – Que desafios?» organizado pelo Solar do Mimo e o Centro Paroquial de Seia

. Porto - Fundação Voz Portucalense, 15h - Lançamento da obra «Clematites para Deus - Uma história de Sílvia Cardoso» da autoria do padre José Alfredo Ferreira da Costa

. Porto - Secção regional do Norte, 15h30 - [Conferência](#) sobre «A conflitualidade dos tempos modernos e o poder decisório individual» por D. Manuel Clemente e integrada no 18º Congresso Nacional de Medicina

. Lisboa - Universidade Europeia, 19h - Exibição do documentário «O padre das prisões» da autoria das irmãs Daniela e Inês Leitão sobre o trabalho do padre João Gonçalves na pastoral penitenciária.

. Porto – UCP, 19h - [Conferência](#) sobre «Criação, Antropologia e Economia no Livro do Génesis: Reflexões à luz da Laudate Si» por Luigino Bruni, professor da Universidade Lumsa de Roma.

. Coimbra - Instituto Universitário Justiça e Paz, 20h30 - Jantar solidário para ajudar estudantes universitário com dificuldades económicas

### 27 de novembro

. Uganda - O Papa Francisco [visita](#) o Uganda (27 a 29 de novembro)

. Coimbra – Penacova - Retiro diocesano de Advento orientado pelo padre José Luis Morgado (27 a 29 de novembro)

. Guarda - Seminário da Guarda, 10h - Conselho Presbiteral

. Lisboa - Igreja de São Nicolau, 12h30 -Almoço-debate com o provincial dos jesuítas, padre José Frazão Correia, sobre «Estar nas fronteiras - a graça difícil» promovido pela Associação dos Juristas Católicos.

. Lisboa – UCP, 18h30 - [Conferência](#) sobre «Criação, Antropologia e Economia no Livro do Génesis: Reflexões à luz da Laudate Si» por Luigino Bruni, da Universidade Lumsa de Roma.

. Porto – IPAM, 19h - Exibição do documentário «O padre das prisões» da autoria das irmãs Daniela e Inês Leitão sobre o trabalho do padre João Gonçalves na pastoral penitenciária.

. Aveiro - Salão do Santuário de Schoenstatt, 21h - Conferência sobre o Ano da Misericórdia pelo padre Dário Pedroso.

. Setúbal - Barreiro (Santo André), 21h30 - Catequese de preparação para as Jornadas Mundiais da Juventude denominado «Rezar com Arte»

. Évora - Igreja da Misericórdia, 21h30 - Concerto de Natal promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Évora

### 28 de novembro

. Coimbra - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, 21h30 – A Comissão Justiça e Paz da Diocese de Coimbra organiza um colóquio sobre «Alegria e Esperança em tempo de (in)diferenças» quando se comemora os 50 anos da «Gaudium et Spes».

. Loulé – Quarteira - A Câmara Municipal de Loulé aprovou o batismo de uma nova avenida com o nome do Papa Francisco, na cidade da Quarteira, que vai ser inaugurada neste dia.

. Évora - Celebração dos 20 anos da Comunidade Fé e Luz de Évora

. Braga – Guimarães -A [atividade](#) coordenada pelo «Grupo Peregrinos» ligado à comissão do Laicado da Arquidiocese de Braga, «Hi-God um dia com Deus» realiza-se com o mote «Faz a tua missão - DO IT!»

. Algarve -Advento Jovem promovido pelo Secretariado da Pastoral Juvenil da Diocese do Algarve nas quatro vigararias da Igreja Algarvia.

. Lisboa - Olivais (Casa dos Missionários da Consolata), 14h - [Seminário](#) sobre a importância da misericórdia, do perdão e da reconciliação promovido pela «Rede ESPERE».

. Fátima - Centro Paulo VI, 14h30 - O Santuário de Fátima vai apresentar o novo ano pastoral que vai ter como tema central «Eu vim para que tenham vida».

. Guarda - Centro Apostólico D. João de Oliveira Matos, 14h30 - Conselho Pastoral Diocesano

. Alcobaca - Mosteiro de Alcobaca (sala do Capítulo), 15h - O Mosteiro de Alcobaca acolhe as conferências «Redescobrir Cister, para melhor entender Alcobaca – No nono centenário do Mosteiro de Claraval»

## por estes dias

Esta sexta-feira no *IPAM do Porto*, pelas 19h, há a exibição do documentário «O padre das prisões» da autoria das irmãs Daniela e Inês Leitão sobre o trabalho do padre João Gonçalves na pastoral penitenciária.

Por Setúbal, no Barreiro (Santo André) pelas 21h30, vai decorrer uma catequese de preparação para as Jornadas Mundiais da Juventude denominado «Rezar com Arte» e também às 21h30, na Igreja da Misericórdia de Évora pode assistir ao Concerto de Natal promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Évora.

Ainda em Évora, no sábado, há a Celebração dos 20 anos da [Comunidade Fé e Luz](#) de Évora e por Lisboa, às 14h, na Casa dos Missionários da Consolata, nos Olivais, há [Seminário](#) sobre a importância da misericórdia, do perdão e da reconciliação promovido pela «Rede ESPERE».

Ao fim da tarde, pelas 17h, em Lisboa, no *Mosteiro de São Vicente de Fora* há a [Apresentação](#) do número especial da Revista *Invenire* «Fiat Lux: Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal» por Henrique Leitão.

Esta segunda-feira, dia 30 novembro, o Papa Francisco termina a sua primeira [visita](#) a três países do continente africano (Quênia, Uganda e República Centro-Africana).

Hi  
**GOD**  
Um dia com Deus  
**Do it**  
FAZ A TUA MISSÃO

09H00-18H00  
28 NOV 15  
GUIMARÃES

GRUPO  
**Peregrinos**

Luzes de Cristo  
YAUW  
Acólitos  
Associação de Pastores  
TMC  
AB  
Design by: **crístina**

## Programação religiosa nos media



RTP

Antena 1, 8h00  
RTP1, 10h00  
Transmissão da  
missa dominical



11h00 -  
Transmissão missa

12h15 - Oitavo Dia



Domingo: 10h00 - O  
Dia do Senhor; 11h00  
- Eucaristia; 23h30 -  
Ventos e Marés;  
segunda a sexta-feira:  
6h57 - Sementes de  
reflexão; 7h55 -  
Oração da  
Manhã; 12h00 -  
Angelus; 18h30 -  
Terço; 23h57-  
Meditando; sábado:  
23h30 - Terra  
Prometida.

### RTP2, 11h30

**Domingo, 29 de novembro**  
- "Destino: Açores". A Diocese  
de Angra no acolhimento de  
um novo bispo



### RTP2, 15h30

**Segunda-feira, dia 30** -  
Entrevista a José Eduardo  
Borges de Pinho sobre os 50  
anos do Concílio Vaticano II.



**Terça-feira, dia 01** -  
Informação e entrevista a  
José Leitão, sobre o CRC.

**Quarta-feira, dia 02** - Informação e entrevista Miguel  
Panão, sobre o COP 21

**Quinta-feira, dia 03** - Informação e entrevista à Irmãs  
Isabel Francisco e Maria da Conceição Pena sobre a  
Madre Wilson.

**Sexta-feira, dia 04** - Análise às leituras bíblicas das  
missas de domingo com a Irmã Luísa Almendra e  
Cónego António Rego.

### Antena 1

**Domingo, dia 29 de novembro** - 06h00 - A Diocese  
de Angra. Expectativas para o trabalho episcopal de D.  
João Lavrador.

**Segunda a sexta-feira, 30 de novembro a 04 de  
dezembro** - 22h45 - Presépio passo a passo - Gruta,  
Manjedoura, Musgo, Palha e Pedras; Caminhadas de  
Advento das dioceses de Leiria-Fátima, Porto,  
Santarém e Aveiro

# MINUTO POSITIVO

No programa ECCLESIA (Antena 1)

## Ano C – 1.º Domingo do tempo do Advento

### *Cuidar da vinda, cuidar da vida*

Começamos hoje um novo ciclo litúrgico do Ano C, em primeiro domingo do Advento, tempo da vinda do Senhor. Mas não é um ciclo fechado sobre si mesmo. Cada ano que passa aproxima-nos do nosso fim terrestre, mas é-nos dado também como o tempo durante o qual Jesus vem visitar-nos, dar-nos a sua presença de Ressuscitado.

Segundo as belas palavras de Jeremias, oferece-se a nós como «um rebento de justiça», como a «promessa de felicidade» que se realizará em plenitude no fim dos tempos. Desde agora, Ele age no segredo dos corações, como o poder da vida que, secretamente, constrói um novo ser no seio materno. «Vigiai e orai em todo o tempo», a fim de estardes de pé no Dia da sua Vinda na plenitude da Luz.

Na mesma celebração, proclama-se como Palavra do Senhor duas afirmações que parecem afastadas uma da outra, mesmo contraditórias.

Palavra do Livro de Jeremias: «Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá».

Palavra do Evangelho: «Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar. Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo».

O universo conhece transformações constantes, tremores de terra, erupções vulcânicas, tsunamis, meteoritos... O sol e as estrelas, um dia, apagar-se-ão. Nesta aparente contradição, Jesus, com os conhecimentos e a mentalidade da sua época, chama a nossa atenção para essa realidade: o nosso mundo, um dia, acabará. Jesus convida-nos a não esquecer o fim de todas as coisas.



Diz-nos: “Vigiai”. Vigiai para que não vos instaleis neste tempo como se ele fosse durar sempre! Mas aí, no coração da nossa condição mortal, Deus diz-nos uma palavra que não passará. Esta Palavra é o próprio Jesus.

Na segunda leitura, Paulo lança-nos um forte apelo: «Irmãos, o Senhor vos faça crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos».

Ao longo desta primeira semana de Advento, procuremos ir ao encontro de alguém que já não tem força para esperar: esperar um trabalho, esperar uma saúde melhor, esperar uma reconciliação... Que lhe vamos dizer?

O Advento é o tempo propício para ajudar a erguer-se de novo, o tempo de voltar a dar gosto à vida que germina.

Que isso aconteça no apelo de Jesus a «orar em todo o tempo». Rezar sempre, em cada dia, alguns minutos, um tempo mais prolongado, um tempo de retiro... Cuidar a nossa vida de oração é cuidar da vinda do Senhor aos nossos corações, é cuidar com amor e atenção de quem anda próximo de nós. Que assim seja, sempre e sem cessar.

*Manuel Barbosa, scj  
www.dehonianos.pt*



### Portuguesa é nova superiora geral das Irmãs Doroteias

A religiosa portuguesa Maria da Conceição Ribeiro é a nova superiora geral das Irmãs Doroteias, assumindo uma missão de seis anos com preocupações de “fidelidade” ao dinamismo de “dar a vida até ao fim”.

Em entrevista à Agência ECCLESIA, a irmã Maria da Conceição Ribeiro revela que as religiosas, reunidas em Capítulo Geral, sublinharam a importância de viver uma “experiência espiritual” num processo formativo que as aproxime cada vez mais de Jesus e a “aprofundar as raízes carismáticas”. A nova superiora geral, eleita este mês no 21.º encontro mundial das Irmãs Doroteias, acrescenta que há um incentivo à “colaboração”, através de plataformas apostólicas, numa espiritualidade de comunhão como “contributo para uma missão comum”.

O órgão máximo de autoridade da congregação, nos próximos seis anos, pretende ainda que se realizem, por exemplo, encontros internacionais de formação por “âmbitos de missão”; criar uma comissão mista de irmãs e leigos que construa um projeto de

formação permanente de leigos. Pela primeira vez o capítulo geral teve a presença de leigos que representaram três áreas continentais onde as irmãs estão presentes - África, América Latina e Europa - “um momento histórico” cujo sinal pode revelar a “visão do serviço e da presença” da congregação na sociedade. “Colaborando e trabalhando juntos em direção à meta que queremos alcançar, a transformação do mundo em família de Deus”, esclareceu a entrevistada, a partir de Roma. A reunião do órgão máximo de autoridade da congregação acontece a cada seis anos, e desde 2009, com a “palavra de ordem” – ‘Como Mulheres de Fé, fazei o que Jesus vos disser’ – as irmãs Doroteias percorreram um “caminho exigente” para crescerem numa “síntese fé-vida”, “harmonizando” o mais possível as duas dimensões do “ser Doroteias: Mística e profecia.” Com uma história de 181 anos, estas religiosas estão a viver o Ano da Vida Consagrada no acolhimento aos objetivos proposto pelo Papa

Francisco porque “ajudam a unificar a vida não só como consagradas mas como pessoas”.

A nova superiora geral assinala que a Província portuguesa é a que tem “maior número de irmãs” na congregação e mesmo com um número elevado de idosas “tem muito dinamismo”; uma presença que celebra 150 anos, com três grandes momentos, em 2016. “Sente-se uma Província muito organizada, muito viva e muito atenta aos acontecimentos acolhendo-os como desafios à sua vida-missão”, acrescenta.

A irmã Maria da Conceição Ribeiro revela ainda que recebeu este voto de serviço da congregação com a “consciência” de com as irmãs capitulares estavam a “viver um momento muito forte que só na fé pode ser assumido”.

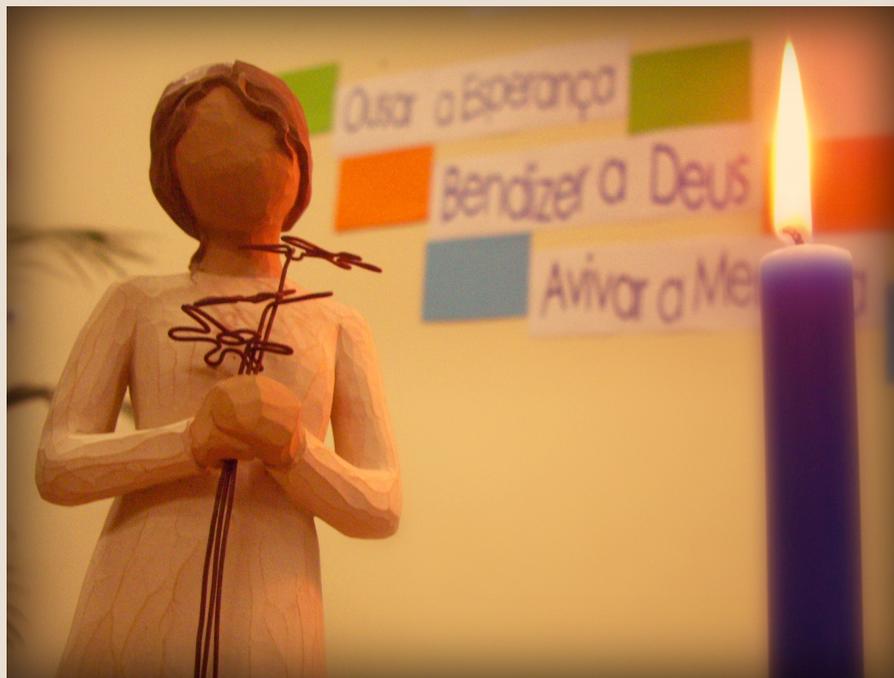
O XXI Capítulo Geral elegeu ainda outra religiosa portuguesa, a irmã Maria Emília Monteiro Nabuco, para o conselho geral desta congregação que fica completo com as irmãs Lourdes Pereira Pires (Brasil), Margarida Adelaide Kundjutu (Angola) e Piera Francesca Balocco (Itália).





## ano da vida consagrada

### Vida Consagrada: Identidade religiosa oculta é «expressão do amor de Deus»



A irmã Cristina Nunes, da Congregação das Filhas do Coração de Maria, vive no mundo profissional onde a identidade religiosa e a expressão do amor de Deus conhece-se por “gestos”, como participa nas conversas ou “puxa certos assuntos”. As Filhas do Coração de Maria são

uma congregação religiosa de direito pontifício que nasceu em “plena Revolução Francesa” e neste contexto histórico “só não tendo nada exteriormente visível era possível existir” para estarem também “ao serviço dos mais pobres e mais frágeis”.

“Isso permite-nos estarmos em todos os meios profissionais, familiares, pastorais”, explica a irmã Cristina Nunes, que está numa profissão onde não é conhecida como religiosa, na Diocese do Algarve, à Agência ECCLESIA. Segundo a religiosa, com licenciatura em Química a exercer funções ligadas ao controlo de qualidade e à proteção ambiental numa empresa da área da construção civil, a sua presença “é ser uma entre todos” onde a atenção não é sobre si mas procura “ser no mundo profissional um sinal do amor de Deus”.

“Como qualquer cristão a nossa presença no meio do mundo – político, profissional, escolar – poderá ser já uma expressão do amor de Deus no meio das pessoas pelos gestos, como nos dirigimos, como decidimos, avaliamos os colegas, como participamos em conversas, como puxamos certos assuntos”, desenvolve a Filhas do Coração de Maria.

Como consagrada, acrescenta a irmã Cristina Nunes, tem a “escolha preferencial e total” por Deus que a faz sentir-se “permanentemente desafia” a um “mais que é ser qualidade” da Sua presença no meio das pessoas.

Depois da licenciatura em Química na Faculdade de Ciências em Lisboa, a religiosa começou a trabalhar e o projeto de vida que conhecia “era a

vida matrimonial, o casamento, ter filhos”.

“Esse projeto é ótimo mas não me fazia plenamente feliz”, recorda a consagrada que “na oração, no silêncio, em exercícios espirituais” percebeu que Jesus queria “seguramente” mais.

“Algo de particularmente próximo com Ele no dia-a-dia”, acrescenta a irmã Cristina Nunes natural de Montemor-o-Novo.

A Igreja vive um ano especial dedicado à vida consagrada, até 2 de fevereiro de 2016, convocado pelo Papa Francisco com três objetivos: “Fazer memória agradecida do passado; abraçar o futuro com esperança e viver o presente com paixão.”

A irmã Cristina Nunes considera que é uma “oportunidade enorme” primeiro para a própria vida consagrada refletir sobre a sua importância no meio do mundo, depois para a Igreja e para o mundo é também uma possibilidade ótima para “dar visibilidade” a um projeto de vida que “é tão pleno quanto tantos outros”.

A Congregação das Filhas do Coração foi fundada por Maria Adelaide de Cicé, da aristocracia bretã, que deseja consagrar-se inteiramente a Deus mas ir ao encontro dos mais pobres, atendendo às necessidades da Igreja e do mundo e foi acompanhada por Pedro de Clorivière, um sacerdote da Companhia de Jesus (jesuíta).

*Sudão do Sul. Depois da festa da independência, o caos absoluto*

## “Rezem por nós”

**A Igreja denuncia a crise humanitária na região. A guerra civil, no Sudão do Sul, é a última tragédia para a vida de milhares de pessoas que só conhecem a violência, o terror e a miséria. O Padre David Samy telefonou-nos angustiado: “Enquanto estamos a falar, estão a morrer pessoas... Rezem por nós”**

21 de Fevereiro. Oitenta e nove crianças foram raptadas de uma escola no Sudão do Sul. Desde então desconhece-se o paradeiro destes rapazes e raparigas. O mais certo é que, agora, os rapazes venham a ser forçados a entrar em combates, enquanto que a sorte das meninas pode ser ainda mais trágica.

O Sudão do Sul é um não-país. Ganhou a sua independência face ao vizinho do Norte, o Sudão, em 2011, no dia 10 de Junho. Mas, desde então, tudo tem corrido mal. O mais jovem país do mundo mergulhou numa temível guerra civil de contornos. Ninguém imagina como esta história vai acabar. De um lado estão os Dinka e, do outro, os Nuer. De um lado estão as tropas do presidente e

do outro os rebeldes do ex-vice-presidente. Pelo meio está o povo. Faminto, assustado, obrigado a fugir. O país está em colapso. O número de refugiados cresce de dia para dia. É assustador. Em Dezembro de 2013, contabilizavam-se 114 mil pessoas. Um ano depois, já eram mais de 600 mil. Estes refugiados são pessoas em fuga. Fogem da guerra, de atrocidades, da violência. Muitos estão apavorados. Fala-se em barbárie. Há casos de mulheres e raparigas violadas, de famílias queimadas vivas nas suas casas, até de crianças enforcadas.

### **Demência à solta**

Quem tem denunciado ao mundo para o caos que se vive no Sudão do Sul é o Padre David Kulandai Samy, da comunidade dos Missionários da Imaculada Conceição. Este sacerdote, cujo trabalho é apoiado pela Fundação AIS, tem vindo a alertar que, especialmente na região de Mundri, as “populações fugiram para a floresta”. O seu relato impressiona: “Não temos água, nem comida. Os campos foram



amontoavam os presos políticos, que aconteceram as mais incríveis histórias de fé que o Padre Michael nunca mais irá esquecer. Uma das mulheres que sobreviveu aos trabalhos forçados é agora uma grande amiga do “padre americano”, como às vezes é tratado. Chama-se Braslava e um dia decidiu prescindir do pedaço de pão escuro que era distribuído aos prisioneiros para fazer pequenos rosários. Amassando o pão, fazia bolinhas que iria transformar em contas que deixava a secar. À noite, no escuro, com uma agulha feita com uma espinha de peixe, e com uma

linha arrancada da sua própria roupa, ia fazendo os rosários. Depois, oferecia-os aos outros prisioneiros. São imensas as cicatrizes do sofrimento que se escondem nos próprios rostos dos que habitam hoje em Magadan. Para o Padre Michael, a sua missão é clara: ajudar os sobreviventes dos Gulags a reconciliarem-se com a vida. O Padre Michael está eufórico. “O Senhor está a abençoar o nosso trabalho e a abrir portas que durante muito tempo estiveram fechadas.”

Paulo Aido | [www.fundacao-ais.pt](http://www.fundacao-ais.pt)



## Clima 'quente' em Paris



Tony Neves  
Espiritano

A Cimeira do Clima prometia 'aquecimento global do planeta', dados os temas de debate presentes na agenda. Há muitos anos que estes encontros internacionais fazem correr rios de tinta antes da sua realização e acabam por deixar muito a desejar, após a sua realização. Quando as expectativas são elevadas e não são satisfeitas, a desilusão atinge pontos mais altos. Tem sido assim, mas não se queria ver repetida esta constante.

O Papa Francisco, numa excelente e não previsível jogada de antecipação, deitou muitas achas para esta fogueira com a publicação da Encíclica 'Louvado sejas' sobre o respeito que a criação a todos merece e não tem tido. Há denúncias corajosas das causas de muitos desastres ecológicos e propostas concretas para que se respeite sempre a natureza e se amem os mais pobres dos humanos. Esta ideia de uma ecologia integral junta a urgência do respeito pelos direitos humanos a um amor à natureza que faça do planeta a casa comum de todos. E quando as baterias começavam já a apontar para esta agenda ecológica, acontece a tragédia terrorista em Paris que pôs o mundo em estado de choque e de alerta. Nestes casos, todos compreendem que se desfoquem os assuntos e que os holofotes apontem para os perigos iminentes ou a desenhar-se nas linhas do horizonte. Cancelaram-se jogos e manifestações. Triplicaram-se medidas de segurança um pouco por toda a Europa e África. Fizeram-se rusgas cirúrgicas a bairros e lugares considerados ninhos de



terroristas. Enfim, instalou-se o medo e, com este, mandaram-se para segundo plano as grandes questões que se pretendiam abordar, com serenidade, nesta Cimeira do Clima. Tal constitui uma enorme perda para a humanidade pois, como alerta o Papa Francisco, a casa comum de todos tem de ser por todos amada e protegida. Não atiremos a toalha ao chão nesta luta por uma terra mais habitável. Serenemos os ânimos e acalmemos os medos causados pelos atentados

terroristas. Olhemos com coragem para os dramas ecológicos que o mundo já enfrenta e encontremos, juntos, soluções para que o planeta seja melhor habitado porque mais amado e respeitado. Em Paris, os jogos de interesse vão acotovelar-se. Haja quem ali apareça, de coração desprendido, disponível para apresentar propostas em que o único interesse seja o bem-estar e o futuro dos habitantes da Terra, que somos nós.

**Programa LusoFonias** Um Encontro de Vozes e Culturas  **Conheça o programa...** 

"Pode ouvir o programa Luso Fonias na rádio SIM, sábados às 14h00, ou em [www.fecong.org](http://www.fecong.org). O programa Luso Fonias é produzido pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, ONGD da Conferência Episcopal Portuguesa."

«Quem beber da água que Eu lhe der  
nunca mais terá sede»

*(Jo 4, 14)*

